

Jaime Ricardo Gouveia

Cancioneiro de Leomil

Modinhas recolhidas pelo
Rancho da Casa do Povo de Leomil



CASA DO POVO
DE LEOMIL



TÍTULO

Cancioneiro de Leomil

AUTOR

Jaime Ricardo Gouveia

PAUTAS

José Santana

João Simões

RECOLHAS

Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil

PREFÁCIO

Federação do Folclore Português

PROÉMIO

Alberto Correia

FOTOGRAFIAS

Arquivos Particulares

CO-EDIÇÃO

Quartzo Editora	Casa do Povo de Leomil
Rua das Pedras Alçadas, nº 52 – 1º Dto	Avenida Leontino Fonseca Martins nº 6
3500-842 Viseu	3620-164 Leomil
geral@quartzoeditora.pt	cpleomil@sapo.pt

EDITOR

António José Coelho

CAPA

Catarina Sousa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Éden Gráfico, SA

ISBN

978-989-8738-01-1

Depósito-legal

375588/14

Junho 2014

NA CAPA:

Roga do Douro, entrega do Ramo

1940



CASA DO POVO
DE LEOMIL

Ó bela rapaziada
Viva a nossa terra,
Viva a nossa terra!
Tu tens de fazer viver
Tradições que ela encerra

(versos de *Ó bela Rapaziada*)



Largo do Pelourinho
Finais dos anos 70 do séc. XX.

PREFÁCIO

O presente livro, fruto de anos de aprimorada pesquisa de factos e particularidades históricas, culturais e identitárias das gentes de Leomil, corresponde a uma importante obra que contribui claramente para ampliar e engrandecer a bibliografia existente no domínio da cultura tradicional e popular portuguesa.

Trata-se de um cancionero, devidamente contextualizado no espaço e no tempo; um registo das memórias locais, das vivências e temperamentos que deram corpo às gentes de Leomil e à sua alma. Os registos aqui presentes vão para além de dar simplesmente a conhecer as modas e as cantigas locais. Explicitam as influências no jeito de dançar e cantar destas gentes, no modo como se divertiam nos momentos lúdicos e sociais que ebulliam de uma mundivisão e temperamento próprios de um lugar, de uma região e de um tempo específicos. Somos, ainda, presenteados com um conjunto interessante de documentos fotográficos locais que permeiam toda a obra e que constituem um interessante registo de personalidades, recantos, momentos vivenciais que testemunham a arquitectura e a realidade local de outros tempos.

Esta obra surge num momento histórico e social assinalado pela perda identitária das comunidades rurais, num período de massificação da cultura e dos usos e costumes. São os tempos atuais... Tempos em que a homogeneização cultural propagada pela célere e profusa conectividade entre os seres humanos ameaça erradicar para sempre os traços distintivos dos povos e das etnias que durante séculos foram sendo construídos através das sucessivas gerações num elo ininterrupto de transmissão de conhecimentos, sentimentos e crenças. Hoje, esse veio de transmissão tradicional centrado na família e na interacção geracional desvaneceu do nosso quotidiano e o conhecimento e entendimento das nossas tradições populares está verdadeiramente ameaçado. Caberá, por isso, às comunidades locais e às suas forças vivas a tarefa de garantir essa transmissão geracional desses mesmos conhecimentos.

Em boa hora surgiu este estudo pois o nosso país atravessa, efectivamente, momentos decisivos na tarefa (por vezes árdua) de investigar, salvaguardar e divulgar estes resquícios finais do património e da nossa cultura tradicional e popular. Sem estas obras que conservam e propagam estes conhecimentos a gera-

ções futuras, muitas das nossas tradições e essências mais profundas do nosso ser ter-se-iam, seguramente, perdido nas teias do tempo.

Neste contexto, a Federação do Folclore Português congratula-se por este projecto desenvolvido e promovido por pessoas abnegadas e dedicadas à etnografia e ao movimento folclórico nacional; um projecto que contribui com mais um tijolo para erigir a edificação que é o acervo da nossa matriz cultural enquanto povo.

À população de Leomil, dirigimos os nossos sinceros parabéns. Ao autor da obra e ao Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil endereçamos um sentido bem-haja pela sua entrega e dedicação à nossa causa e, sobretudo, à digna tarefa de salvaguardar o nosso património e a nossa cultura tradicional e popular.

A Federação do Folclore Português

Arcozelo, 10 de Março de 2014.

A ALMA DO POVO NUMA CANÇÃO

Jaime Gouveia nutre um entranhado amor pela sua terra, Leomil, e não se cansa de proclamá-lo fazendo da escrita bandeira, fazendo da vida testemunho e ei-lo que arranca da terra mais um livro de generosa semente colhido e no-lo entrega como fruto de seara madura que uma qualquer deusa antiga dos chãos lavrados tivesse abençoado.

Jaime Gouveia chama ao novo livro *Cancioneiro, Cancioneiro de Leomil*, autorizado registo do cantar de um povo, a terra e a gente em retrato na densidade poética de uma canção, múltiplas canções, “modinhas” lhe chama, amorosamente trazidas para o palco de uma nova vida por empenhada gente de quem celebra o honrado mérito. E emocionados nos detemos vendo perpassar, a passo de epopeia, a sombra de quantos contaram passos de dança, versos de canções, como se voltas de sua vida tivessem sido, mãos dedilhando cordas de uma viola, trauteios, a invenção das vestes de avós numa arca de pregos dourados, a vida outra vez solta de moldura e a encantatória presença de um Rancho designado como “folclórico” porque compendia saberes do povo e no-los traz como lição.

Das palavras com que descreve faz ode, da vida dos homens que conta faz saga. E nós lá vamos no embalo da viagem e tomando por guia a sua voz de aedo ficamos a conhecer como milhafre a montanha, como rola o agasalho do pinheiral na ardência de um estio criador, como libélula o ágil percurso dos ribeiros onde cantam rãs e na margem deles as camponesas e o cuco no alvorecer de Abril, ficamos a amar o manto de terra que ondeia dentro dos limites de uma fronteira que desenha e se tornou pátria, chão sagrado, herdo de avós, acolhedor manto, no fim, que piedosamente se estenderá sobre as cinzas que restarão como viva memória de cada um.

E as gentes que nela habitaram, as de um tempo mais longínquo de que ficaram sinais na pedra das orcas ou no risco dos grandes caminhos ou tão só no sumo das lendas, e essas outras, mais próximas de nós, aquelas de quem falam as canções e a roupagem dos retratos e a arquitectura de uma fonte e os míticos espaços de um Adro ou de um Terreiro, toda essa poderosa e eloquente iconografia de que o livro carrega um corpo singular.

Lavradores da arada, pastores, chegaram por muitos caminhos de credos, de vozes, e tornaram-se irmãos, uns ficaram ricos, outros pobres, a nenhum faltou o pão, por todos dobraram sinos, por todos se declinou uma oração. Cada um, de seu jeito, foi participe numa história, foi elo de cadeia, foi pai ou irmão, amante, feirante ou romeiro, soldado, emigrante em viagem pelas sete partidas, com retorno ou não.

Jaime Gouveia tece como ninguém com o linho e a lã dos fios da história esse retalho de manto, esse concreto tempo que ele chama de “limites temporais de representação”, o tempo de que o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil se constitui como semióforo, como espelho, se quisermos, e que sabiamente situa entre os anos de 1850 e 1910 alargado pelas franjas de um antes e depois. Tempo que remanesce, como fontezinha de montanha, de um anterior e longo tempo, alicerce ou parede meia de onde se levantam os cantares, os volteios da dança, os instrumentos da tocata, os trajes da representação, os artefactos de uma etnografia vária que arranca de um chão de cultivo ou pastoreio ou dos actos marcantes na passagem pelo calendário da vida.

Vem depois o mapa das canções e nós sabemos, lendo, quem as cantava na geografia do Adro, ao Domingo, na madrugada, caminho feito de romaria, na noite cálida de um arraial de Verão, na mornidão de uma noite, ao serão, nas afadigadas lides do campo na roda do ano. Era gente moça quem mais cantava, rapazes e raparigas, e quase só ao amor cantavam. Amor de Deus, nos diz o autor, nos “Martírios” que são cantos de um tempo de Paixão, nos vilancicos ao Menino, no Natal, amor da terra que é quase sempre metáfora de mulher, amor de mulher feita deusa do governo de cada dia.

Quando Jaime Gouveia fecha o livro e lhe apõe o lacre dos sete selos das “fontes” manuscritas, impressas, da longa bibliografia listada, o livro torna-se tesouro. Lá dentro guarda-se agora a alma de um povo, Leomil. E como tesouro o devemos transportar em nossas mãos.

Alberto Correia

INTRÓITO

O *Cancioneiro de Leomil* é uma compilação das letras e pautas das músicas tradicionais que eram tocadas, cantadas e bailadas em Leomil nos finais do século XIX e primeira metade do século XX. Tocadas, cantadas e bailadas pelo povo desse rincão, durante esse período! Tão só! Não se procurou encetar, com este trabalho, uma análise crítica em termos etno-folclóricos e etno-musicológicos do acervo recolhido, não obstante se ter contextualizado e caracterizado em termos etnográficos e folclóricos o espaço em questão. Se as modas são daí originárias? Presumivelmente não, a maior parte, excluindo algumas, mas muito poucas, cujo conteúdo as filia inequivocamente a uma origem leomilense. Ouvimo-las tocar, cantar e bailar, algumas, noutros povos da região, com algumas diferenças de pormenor. Transitavam de local para local, de geração em geração, de forma oral. Como um conto. E quem conta um conto.... acrescenta-lhe um ponto. São cantigas e danças, sobretudo as danças, no geral, cheias de pontos, como os contos! Sem autor. Sempre! Como expressão anónima do povo que se afirma no tempo e a ele resiste por conter em si reflexos vivos de uma sensibilidade colectiva, comum a indivíduos nascidos no mesmo território. Por vezes, denotando evolução, modificada nalguns pormenores, mas conservando inalterável a ideia fundamental e a maneira particular de a traduzir. E, por vezes, sem lhe ser possível identificar o período de nascimento! Sim, porque a época, ao contrário de uma datação específica, é, dependendo do conteúdo da canção, por vezes, susceptível de ser apreendida.

Consta que apenas a partir do século XIII as cantigas começaram a ser copiadas e integradas em “cancioneiros”. Desde então que alguns cancioneiros de música portuguesa foram elaborados, sendo célebres o de Lisboa, Belém, Elvas e Paris, ambos renascentistas. Consoante a época em que a música foi composta os cancioneiros podem ser medievais, renascentistas, românticos, contemporâneos, etc. Nunca se fez em Leomil, até à data, uma compilação das cantigas populares relativas a uma determinada época, tal como fez por exemplo, apenas para citar alguns, Teófilo Braga, com o Arquipélago Açoriano em 1869; Francisco Xavier Oliveira, com o Algarve em 1905; José da Silva Vieira, com o Minho em 1917; Afonso Lopes Vieira, com Coimbra em 1918; Edmundo Correia Lopes, com Foz

Côa em 1926; Augusto César Pires de Lima, com Vila Real em 1928; Afonso do Paço, com Viana do Castelo em 1928; Fernando de Castro Pires de Lima, com Celorico de Basto em 1935; Vergílio Pereira e outros, com Cinfães em 1950; Alves Redol, com o Ribatejo em 1950; Jaime Pinto Pereira, com Alvoco da Serra em 1952; Belisário Pimenta, com Miranda do Corvo em 1953; Vergílio Pereira, com Resende em 1957, Arouca em 1959 e Covilhã em 1992; Maria Adelaide da Silva Paiva, com o Alto Douro em 1962; António Borges de Castro, com Mondim de Basto em 1982; António Cabral com o Douro em 1983; Jorge Bento, com Leça em 1985; Carlos da Capela, com a Benfeita em 1989; Sebastião Mateus Arenque, com Azambuja em 1991, e muitos outros.

As cantigas e as danças que transitaram de geração em geração sem um registo escrito perderam-se com os tempos e com as modas. Razão pela qual ele, o registo escrito, é fundamental. Poder-se-á dizer que nem tudo se perdeu, com o labor levado a cabo na fundação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil em 28 de Maio de 1978. Nessa ocasião, junto dos mais idosos, foram recolhidas diversas cantigas que predominavam na cultura popular dos fins do século XIX e primeira metade do século XX. Não todas, mas, tão só, as que foi possível, nessa altura, recolher. Certamente com alguns arranjos, aqui, e acolá, figurando não raro sintagmas edulcorados que facilmente se identificam, onde as memórias dos idosos falhavam, compondo alguns versos, suturando alguns buracos. Só temos esse pedaço importante da cultura leomilense de fins do século XIX e inícios do século XX porque esse esforço foi levado a cabo. Mas nunca se registaram essas cantigas num suporte duradouro, a não ser parcialmente em duas publicações recentes em suporte de CD, feitas pelo mesmo Rancho Folclórico.

Essas duas publicações, e o apreciável trabalho que lhe está por trás, não garante que se não perca, no futuro, a memória dessas modinhas, designadamente a fusão dos aspectos melódicos com os aspectos poéticos, psicológicos e sociológicos que se interpenetram no verbalizar das mesmas, nem sempre perceptível em formato áudio. Razão de sobra para publicar essas letras, enquadrando-as nos seus variados contextos e fazendo-as acompanhar de pautas musicais, até à data, inexistentes. Exceptuando algumas, em tempos executadas pelo maestro José Santana, não chegou até ao presente nenhuma colecção completa de pautas das modinhas de Leomil, indispensável para quem lograsse tocá-las por essa via. Indispensável, ainda, para a sua preservação e perpetuação no tempo. As que faltavam foram mandadas executar ao Prof. João Simões, que as redigiu com diligência e apurmo propositadamente para esta obra.

Por tudo o que se disse, em suma, justifica-se, creio, este *Cancioneiro*, agora realizado. Temos obrigação de salvar tudo aquilo que é susceptível de ser salvo! A salvo ficarão, para sempre, e susceptíveis de serem executadas vocal ou instrumentalmente, as canções recolhidas (e agora preservadas) que perpassavam pelo povo leomilense no período já assinalado. Desígnios, de preservação e estudo, a que se junta um outro, que faz parte do *código deontológico* de todos aqueles que se enfileiram na luta pelos valores verdadeiros da Etnografia e do Folclore portugueses: a divulgação, empresa entregue à Quartzo Editora que dele se encarregará com esmero e profissionalismo.

Jaime Ricardo Gouveia



Acrobacias na torre da Igreja Matriz após a missa.
Finais da primeira metade do séc. XX.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento, que é mais um reconhecimento, direcciona-se para os fundadores do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil, Comissão Administrativa da Casa do Povo e Comissões Culturais da mesma Associação, existentes nos anos anteriores e subsequentes a essa fundação. A uns, coube a feliz ideia da criação de um Rancho Folclórico, dotando-o de condições para existir. A outros, coube a disponibilidade de o dirigir e a tarefa árdua de recolha oral das modinhas que integram este cancionero.

É forçoso reconhecer também, ao maestro José Santana, o profissionalismo que dele fez o alicerce musical da tocata do grupo durante muitos anos, agradecendo o empenho em escrever pautas para o Rancho, algumas das quais aqui publicadas. Ao Prof. João Simões, o empenho na concertação das restantes pautas.

Aos atuais membros da tocata e cantata do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil, é forçoso também agradecer, Chamados ao desafio de gravar as modinhas que ainda não existem em suporte áudio para ulteriormente se proceder à sua escrituração em pauta musical, fizeram-no com agrado e solicitude.

A iconografia desta obra editorial deve-se à Junta de Freguesia de Leomil, à Sr.^a D. Maria Cândida Braga Guedes Gomes e Sr. Nuno Rodrigues, e a outros particulares, alguns dos quais meus familiares. Muito bem hajam, por me terem cedido este importante manancial fotográfico que agora se divulga ao vulgo.

Um preito de agradecimento também à Federação do Folclore Português, a que tenho a honra de pertencer, na qualidade de Conselheiro Técnico Regional de Trás-os-Montes, Alto Douro e Douro Sul, pelo incentivo e apoio que têm dado ao Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil, sem o qual esta obra, fundada numa parte bastante substancial do estudo que elaborei e submeti com vista ao processo federativo, com quase toda a certeza, não teria sido concebida.

Por fim, ao editor António José Coelho (Quartzo Editora) pelo profissionalismo que sempre dedica às obras que publica.



Largo do Pelourinho.
Primeira metade do séc. XX.

1 – BREVE HISTORIAL DO RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE LEOMIL

Desde os seus primórdios que o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil não tem cessado de crescer e de aprimorar a sua actividade de recolha, preservação e divulgação dos costumes e das sabenças do povo leomilense. A história deste grupo praticamente se confunde com a história da Casa do Povo de Leomil, apesar de esta ser muito mais remota, tendo o seu berço durante o regime do Estado Novo, no ano de 1942. Encontra-se vinculado a esta Instituição desde a sua fundação em 28 de Maio de 1978.

O que terá ditado a fundação de um grupo de Folclore em Leomil, na minha opinião, foi o bairrismo leomilense. Note-se que existiam já dois grupos que se intitulavam como sendo de *Folclore*, um de Paraduça e outro de Alvite, que costumavam abrilhantar algumas festividades locais, nomeadamente a de S. João, em Moimenta da Beira, e a de S. Tiago, em Leomil. De facto. Não eram, em si, grupos de Folclore, pois não tinham na sua base qualquer recolha, limitando-se a cantar e dançar algumas músicas inventadas e ostentando trajos todos iguais. Eram, contudo, bastante solicitados, despoletando, certamente, a ideia de se criar também em Leomil um grupo semelhante.

Em 22 de Agosto de 1963 o Jornal *Correio Beirão*, na secção de correspondência de Paraduça, dava a seguinte notícia: *“Sob a orientação de Celeste Teixeira e de Acácio Bernardo de Oliveira foi organizado um Rancho Folclórico nesta povoação, o qual participou na festa do padroeiro Santiago, de Leomil. O rancho era composto por 14 rapazes e 14 raparigas. Os rapazes de calção preto, e chapéu da mesma cor; as raparigas de saias pretas rodadas e lenços coloridos. O Rancho deu entrada em Leomil pelas 15 horas, sendo recebido com muitos aplausos. Esperava-o o senhor regedor da freguesia e outras individualidades que acompanharam os visitantes por todas as ruas. Nos largos principais o Rancho dançou, dando-se vivas ao regedor e ao presidente da Junta, Sr. Julião Maria Fernandes. Este agradeceu, oferecendo no salão da Junta uma excelente merenda a todos os paraducenses. Sob orientação do Cabo*

de Ordens, de Paraduça, que sempre acompanhou o Rancho, fez-se o regresso a Paraduça, pelas 23 horas”¹.

O bichinho do Folclore começava a pegar em Leomil. Em 8 de Agosto de 1964 noticiava o *Correio Beirão*: “Uma nota de alegria bem comunicativa trouxe de Lisboa o simpático rancho de alguns filhos desta terra com o seu grupo folclórico que, impregnado de beleza e de arte, nos mimoseou com as suas exibições [...]. O Rancho Folclórico de Paraduça também veio até nós em verdadeira manifestação de simpatia e perfeita cooperação amiga. Foi muito aplaudido e conquistou a nossa gratidão”². Na mesma edição do periódico moimentense noticiava-se a presença dos dois Ranchos do concelho nas festas do S. João, em Moimenta da Beira³.



Extracto do Jornal *Correio Beirão*,
8 de Agosto de 1964

O Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil foi fundado numa altura em que existia muita mocidade em Leomil. A descolonização que se seguiu ao 25 de Abril de 1974 fez regressar à Pátria dezenas de moços e moças que vieram dinamizar a única instituição cultural e recreativa então existente, a Casa do Povo. Presidia nesta altura à Casa do Povo o professor António Augusto Ferreira Dias, secretariado por Joaquim Rebelo da Silva, e Adriano Ferreira dos Santos Rafael era o tesoureiro, eleitos a 30 de Dezembro de 1967. Logo no ano de 1968 foi deliberado contratar Ângelo Santarém como *mestre-ensaiador* para a organização de um Grupo Folclórico que, segundo consta da respectiva acta da Casa do Povo, o seu executivo andava empenhado em formar. Deu-se autorização, também, para se proceder à compra de instrumentos “*para completa realidade de uma música adequada ao bom funcionamento deste grupo*”⁴. Pouco tempo depois noticiava o *Jornal Correio Beirão* em artigo do correspondente de Leomil professor A. Ferreira Dias: “*Já se encontram em plena actividade algumas das facetas de cultura popular desta Instituição. Estamos a proceder ao enriquecimento do cancioneiro popular e alguns dos nosso bailados mais típicos já estão a ser ensaiados por mestre Ângelo Santarém*”⁵. Esta é, di-

¹ *Jornal Correio Beirão* (Moimenta da Beira), ano VI, n.º182, 22 de Agosto de 1963, p.2.

² *Jornal Correio Beirão* (Moimenta da Beira), ano VIII, n.º205, 8 de Agosto de 1964, p.2.

³ *Idem, ibidem*, loc. cit.

gamos, a génese do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil. Pela primeira vez foi pensado neste ano de 1968, assim como foram tomadas providências para que ele fosse uma realidade, como o veio a ser efectivamente mais tarde, pela mão de outros protagonistas.

Por razões desconhecidas a contratação de Ângelo Santarém não deu, aparentemente, grandes resultados, pois só em Maio de 1978, uma década depois e, com a intenção de festejar o Dia da Mãe, segundo dizem alguns leomilenses que tomaram parte nesta iniciativa, um grupo de pessoas se reuniu e esboçou aquilo que seriam algumas das danças do futuro Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil. No entanto, logo em 26 de Janeiro de 1969 o grupo folclórico orientado por Ângelo Santarém actuou num serão recreativo realizado na Casa do Povo, como poderemos ver através do panfleto do evento que se segue.

PROGRAMA	
I PARTE	II PARTE
I — Hino a Leomil	I — Uma anedota (Drama)
II — Apresentação	II — A Boneira (Bálgio)
III — Moirão adormecido (Drama em 2 actos) <small>(Por António Delgado)</small>	III — A Viúva (Bálgio)
IV — A camponesa (Bálgio)	IV — Jogos
V — Ida para o Casal (Bálgio)	V — A Chula (Bálgio)
VI — A pobre e a Rica (Bálgio)	VI — Mater Dolorosa (Drama) <small>(Por Sr. Amíl Cardeira Soares)</small>
VII — Vira de Leomil (Bálgio)	VII — O Malhão (Bálgio)

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisível.

Programa do serão recreativo, 26 de Janeiro de 1969

Tal como se verifica através deste programa, eram já relativamente ricos e variados, em termos culturais, os serões realizados na Casa do Povo. O Malhão, o Vira de Leomil e a Chula, note-se, eram já bailados que faziam parte do repertório do grupo folclórico /danças e cantares, que mais tarde são recuperados quando da oficialização do grupo, designadamente a Chula.

⁴ Casa do Povo de Leomil, *Livro de Actas*, 1963-1974, fl.31v.º e 32.

⁵ *Jornal Correio Beirão* (Moimenta da Beira), ano XIII, n.º296, 8 de Junho de 1968, p.2.

Em 28 de Agosto de 1972, já António Augusto Ferreira Dias exercia o seu segundo mandato como presidente da Casa do Povo de Leomil, a direcção propôs-se a constituir duas secções: a cultural e a desportiva, com o objectivo de, em íntima colaboração com a Casa do Povo, os resultados poderem ser ainda melhores nesses dois campos: *“E assim e porque é nossa fervorosa ambição alargar cada vez mais o domínio da cultura popular proponho que para a secção de cultura sejam nomeados o Reverendo Padre António de Sousa Pinto, Arlindo Martins Centeio, Adriano Ferreira e Fernando da Fonseca Martins. E para a secção desportiva os senhores Joel de Gouveia Alves, Joaquim Rebelo da Silva, Manuel Teixeira Botelho, Carmindo Pimenta Aguiar e José Bernardo de Sá Bandeira Dias. Todos estes cidadãos são bem conhecidos pela sua cultura e prestígio no meio e dadas as suas qualidades de dedicação e espírito de sacrificio por este Organismo bem merecem que assim sejam distinguidos”*⁶.

Por ter sido considerada imperiosa a construção de uma sede onde as diversas actividades pudessem ser desenvolvidas com um mínimo de dignidade e funcionalidade, o Presidente da Direcção sensibilizou todos os leomilenses, quer os residentes, quer os espalhados pelo mundo, no sentido de angariar apoios para que a tão ansiada sede pudesse ser uma realidade. A nível governamental este não se poupou a esforços, enviando ofícios a várias personalidades do governo, tendo conseguido que a obra fosse inserida em PIDAC no ano de 1974. Com as mudanças inerentes à Revolução do 25 de Abril, esta aspiração foi simplesmente abortada.

Na reunião da Direcção de 25 de Março de 1973 diria o professor Ferreira Dias, em jeito de balanço, no respeitante à cultura, o seguinte: *“Cultura – em meu entender é esta a faceta mais importante de toda a movimentação das Casas do Povo. Há uma necessidade imperiosa de fazer evoluir os nossos associados no sentido perfeito das nossas tradições relegiosas históricas e sociais. E neste empenhamento temos contactado com todas as autarquias locais para uma mais perfeita e íntima colaboração. A nossa juventude tem-nos merecido a nossa melhor visão e por ela temos feito tudo quanto nos é possível. Temos realizado convívios, palestras, conferências, estamos a disputar o campeonato distrital de futebol e temos em funcionamento um curso musical, na fervorosa esperança de conseguirmos uma orquestra o que já podemos dizer ser uma realidade. A digníssima Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho acabou de informar-nos que vai enviar-nos um órgão electrónico, dois acordeons, uma viola baixo e uma*

⁶ Casa do Povo de Leomil, *Livro de Actas*, 1963-1974, fl.80v.º e 81.

bateria completa. Há por este motivo uma razão bem forte para que nos sintamos contentes e felizes. Nós continuamos a ter fé na nossa juventude e a tentar fazer dela os continuadores de toda a riqueza da nossa herança do passado- [...] Ao terminar este capítulo é com muito prazer que registo as simpáticas acções dos nossos dedicados amigos Arlindo Martins Centeio e Fernando da Fonseca Martins no nosso curso musical que tem sido dirigido pelo Senhor Manuel de Oliveira com carta profissional de Regente de Bandas Cívicas”⁷.

Com a Revolução do 25 e Abril de 1974 as Casas do Povo sofreriam algumas transformações, mudando de fisionomia. Porém, a Direcção que se encontrava à frente da Casa do Povo de Leomil, manteve-se em funções até Julho de 1975, altura em que cessou a sua actividade. Em 3 de Agosto de 1975 formou-se uma Comissão Administrativa composta pelos senhores Carmino Pimenta Aguiar, Amândio Clemêncio, Acácio Veiga e José António Matos, elementos escolhidos por alguns partidos políticos da coligação com acção do Movimento das Forças Armadas. Foi empossada pelo Delegado da Junta Central das Casas do Povo do Distrito de Viseu, na presença da Brigada de Dinamização do MFA (Movimento das Forças Armadas), em Moimenta da Beira⁸.

Em 28 de Maio de 1978, ao apoiar um grupo de pessoas que organizou os festejos para o Dia da Mãe, a Casa do Povo originou a nascença do Rancho Folclórico, para a qual terá vindo a contribuir de forma decisiva e incisiva a Comissão Cultural e Recreativa criada em Abril do mesmo ano, formada por D. Maria José Ferreira Pinto, D. Conceição dos Santos Martins, Abade António Sousa Pinto, Adriano António Tojal da Silva, José Augusto Santana Centeio, Manuel João de Oliveira Cardoso e José Bernardo de Sá Bandeira Dias, a quem foram atribuídos plenos poderes em assuntos relativos à cultura e recreio. Em Agosto a Comissão Cultural demitiu-se, só sendo reconstituída em Dezembro do mesmo ano, a saber: António José Cardoso Julião, Manuel João de Oliveira Cardoso, António de Andrade Bernardo, António Henrique da Silva Rodrigues, Doroteia da Conceição Menezes Pinto Sá Aguiar e Maria Fernanda da Silva Vieira⁹.

Três meses depois a segunda Comissão Cultural demitiu-se também, sendo restabelecida no mês seguinte pelos seguintes elementos: D. Maria José Ferreira Pinto, D. Conceição dos Santos Martins, Abade António Sousa Pinto,

⁷ Casa do Povo de Leomil, Livro de Actas, 1967-1998, fl.13-14.

⁸ Casa do Povo de Leomil, Livro de Actas, 1975, fl.1 e v.

⁹ Casa do Povo de Leomil, Livro de Actas, 1974-1991, fl.23V.-24.

Adriano António Tojal da Silva, José Augusto Santana Centeio, Manuel João de Oliveira Cardoso e José Bernardo de Sá Bandeira Dias¹⁰.

A Sr.^a professora D. Zézinha, faria as primeiras recolhas do Rancho Folclórico e era ela também, além de responsável máxima, a directora técnica. Porém, o seu falecimento precoce fez com que outros leomilenses abraçassem a tarefa de levar por diante o projecto iniciado, o qual se manteria ininterrupto até ao ano de 2008, altura em que por falta de motivação dos componentes o grupo seria obrigado a dormir um coma de dois anos sem qualquer actividade. Essa interrupção seria cessada pela actual direcção, presidida pelo Doutor Jaime Gouveia, vice-presidente para a cultura da Direcção da Casa do Povo, coadjuvado pelo Eng.º Hélder Aguiar e Jaime Pimenta Gouveia, que em Fevereiro de 2010, decidiu pôr mãos-à-obra e conjuntamente com grande parte dos componentes do anterior grupo, reactivou o Rancho, dotando-o de estatutos que prevêm, entre outras coisas, que os mandatos das direcções do grupo tenham a validade de três anos.

No ano seguinte, em 2011, o grupo vinculou-se, pela primeira vez na sua História, à Federação do Folclore Português, como sócio aderente; e em inícios de 2013 o seu presidente foi nomeado Conselheiro Técnico da Região de Trás-os-Montes, Alto Douro e Douro Sul da Federação do Folclore Português. O desempenho evidenciado pelo grupo durante o referido triénio, bem como a elaboração do processo técnico relativo ao sistema federativo fez com que no dia 14 de Novembro de 2013 o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil se alandorasse ao escalão mais alto dos Grupos Folclóricos ao ser-lhe passado o diploma de sócio efectivo da Federação do Folclore Português. Este documento foi entregue em sessão solene na Casa do Povo de Leomil no dia 24 do mesmo mês, tendo estado presentes os senhores Fernando Ferreira e António Faria, presidente e vice-presidente da Federação do Folclore Português, respectivamente.

Uma boa parte da população leomilense passou já pelo Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil. Foram vários também os directores técnicos do grupo, desde a sua fundação, nomeadamente, D. Zézinha, António Almeida, António Silva, D. Dolores, Sandra Gomes, Tozé Antunes, José Luís Rosário e, actualmente, já depois de o ter sido em épocas anteriores, Joaquim Loureiro. A actual Direcção do Grupo está assim constituída: Doutor Jaime Ricardo Teixeira Gouveia (Presidente); Arq.º Ricardo Tojal (vice-presidente); Arménio Aguiar (vice-presidente); Joaquim Loureiro (Secretário); Lurdes Santos (vogal); Dr.^a Liliana Castro (vogal).

¹⁰ Casa do Povo de Leomil, *Livro de Actas*, 1974-1991, fl.27v.



Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil.
Finais dos anos 70 / inícios dos anos 80 do séc. XX.



Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil.
Finais dos anos 70 / inícios dos anos 80 do séc. XX.



Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil.
Finais dos anos 80 do séc. XX.



Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil.
Finais dos anos 90 do séc. XX.



Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil.
2012.

2 - CARACTERIZAÇÃO ETNOGRÁFICA DA REGIÃO

2.1 Contexto Geográfico

A vila de Leomil pertence ao concelho de Moimenta da Beira, distrito de Viseu, e localiza-se na região da Beira Douro, mais precisamente, situando-se numa região denominada de Planaltos Centrais, sendo limitados a Leste pela linha de fracturas Bragança, Unhais da Serra, que os separa da superfície da Meseta Ibérica; a Ocidente pelo acidente de Chaves – Penacova e pelo alinhamento da Serra do Caramulo, Maciço da Gralheira e Serra de Montemuro. A Norte, estes planaltos são limitados pelo Vale do Douro e a Sul pelo Rio Mondego.

Todo o concelho de Moimenta da Beira se situa numa sub-unidade destes planaltos, constituída pelo Planalto da Nave, na Serra de Leomil, que corresponde, de um modo geral, a uma região aplanada inclinada para Sudoeste. A freguesia de Leomil, implantada numa zona granítica de transição e paisagem tipicamente beiraltinas, confronta com algumas freguesias do concelho de Vila Nova de Paiva, através da sua Serra, e com as povoações de Alvite, Sarzedo, Castelo, Moimenta da Beira, Aldeia de Nacomba, Carapito e Paravelha.

Aquém Douro, entre os Hermínios e o Marão, ao sul de Lamego e ao norte de Viseu, na mancha serrana e ribeirinha das sucessivas civilizações da Lusitânia, mais velha que o Reino, ponto de passagem no tempo dos Romanos, caminho de invasões, fronteira da reconquista contra os Árabes no momento da linha de Trancoso, Ucanha, Castro Daire, Britiande e Salzedas, ao alvorecer do Condado Portucalense nas terras de Egas Moniz, depois Couto de D. Garcia Rodrigues e mais tarde dos Coutinhos ou Marialvas, berço e solar de valores, eleva-se esta vila, ligada à história de Portugal desde as origens¹¹.

Ao longo do planalto que se encontra a sul do concelho de Moimenta da Beira, estende-se o rio Paiva e seus afluentes até aproximadamente à latitude de Caria, onde apenas é recortado por vales de fundo relativamente planos, atingindo a altitude média de 800 metros. Está esta zona encontrada a norte com terras mais

¹¹ GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Subsídios para a História de Leomil. “A-presentação” e “Re-presentação”*. Leomil: Câmara Municipal e Casa do Povo, 2004, p.15-20.

altas que constituem a Serra de Leomil e que apresenta um carácter aplanado entre os 950 e os 1011 metros de altitude. As menores altitudes do concelho, rondando os 370 metros localizam-se a Leste e Norte da Serra de Leomil, sobretudo ao longo dos vales do Távora, da Ribeira de Leomil e do Rio Tedo. Isso mesmo asseverava, entre outras, a Corografia do Padre Carvalho da Costa, redigida em 1707: “*Tres legoas de Largo para o Nascente ao pé da Serra Lobogueira, em lugar plano tem seu assento a villa de Leomil, cercada dos rios Carvalhal e Vidual que a fertilizão; da muito pao, vinho, castanha e frutos, com muita caça miúda e gados*”¹². O mesmo referiu o reitor Francisco de Almeida Nunes, na Memória Paroquial de Leomil, em 9 de Maio de 1758: “*A villa de Leomil fica na Província da Beyra Alta dentro do Bispado e Comarca de Lamego, tem ele o termo e he freguezia sobre si [...]. Está situada em hum valle [...]. Dista esta villa da Cidade de Lamego capital do Bispado tres legoas, de Lixboa capital do Reyno sincoenta e quatro*”¹³.

2.2 - Contexto socioeconómico

Na segunda metade do século XIX Leomil era uma terra eminentemente rural e pobre. Excluindo um par de famílias possidentes, de lavradores abastados, que haviam herdado solares e inúmeras propriedades, a população vivia sobretudo dos trabalhos de jorna e do amanho das pequenas partículas de terra que possuíam. A melhor fonte para estudar a situação sócio-económica de Leomil no aludido período são os registos paroquiais, de baptismo, casamento e óbito. Sobretudo, porque, através deles é possível extrair os ofícios dominantes. Os registos de óbito, aliás, têm uma importância acrescida, a de referir quais os defuntos que deixavam testamento, daí se podendo inferir, que bens possuíam. Prospecções levadas a cabo junto destas fontes, depositadas no Arquivo Diocesano de Lamego, permitem concluir que a maioria dos leomilenses eram jornaleiros, havendo várias mulheres que também viviam dessa ocupação, isto é, sobreviviam do trabalho braçal¹⁴. Pou-

¹² COSTA, José Carvalho da – *Corografia Portuguesa e descrição topográfica do famoso Reyno de Portugal*. Vol. 11, Lisboa, 1707.

¹³ Direcção Geral de Arquivos Torre do Tombo – Dicionário Geográfico, vol.20, Memória 79, Leomil.

¹⁴ Só no ano de 1888 faleceram 6 jornaleiras em Leomil. Maria Bárbara, casada, com 70 anos de idade; Josefa Centeio, casada, com 60 anos; Maria Constância, viúva, com 70 anos; Maria Feita, solteira, com 43 anos; Maria de Jesus, casada, com 21 anos; e Alexandrina Rosa, casada, com 32 anos. Arquivo Diocesano de Lamego - *Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil*, caixa 6, nº 32, livro nº30, 1888, fls.1v.º; 2v.º; 4; 5, 10v.º; 12.

cos eram os que possuíam algo de seu, pelo que nada legavam aos vindouros. Aparecem referenciados alguns mendigos, corroborando a ideia de uma comunidade, serrana, rural e pobre¹⁵.

Na sociedade leomilense do período representado pelo Rancho Folclórico a agricultura detinha uma importância fundamental e as relações dos indivíduos definiam-se em função de uma hierarquia rigidamente estabelecida, daí resultando desigualdades acentuadas, quer no acesso aos meios de produção, quer na distribuição dos rendimentos agrícolas que se concentravam nas mãos de meia dúzia de privilegiados e possidentes. Ainda existem hoje as tulhas do solar dos Coutinhos que arrecadavam as rendas. Mas também a Igreja, a família Paiva Gomes e outros abastados as tinham. Poucos eram os que cultivavam terra própria, logo, o quotidiano do campesinato era bastante dificultoso. Daquilo que conseguiam obter de uma agricultura árdua e quantas vezes ingrata, tinham que suportar um conjunto de tributos como a jugada cerealífera, o oitavo, o dízimo ou décima a Deus, o pé de altar, as sisas, que os lançavam na ruína.

As fainas agrícolas, por então, concentravam-se no granjeio dos mimos das hortas, centeio, feijão, milho, castanhas, centeio, vinho e outros produtos. Mas Leomil tinha também a Serra, de onde se extraía lenha e carvão. Mateiros e carvoeiros havia-os também, por isso, amiúde. Como havia moleiros nos inúmeros moinhos ribeira fora que moíam a farinha que era transformada pelos forneiros nos diversos fornos existentes na vila. Abundavam ainda lameiros de pascigo, na serra, na meia encosta e na planície, onde se pastoreava gado lanígero de onde se extraía a importante lã para a indumentária. A Câmara de Leomil chegou a possuir alguns dos mais importantes lameiros que anualmente arrematava em hasta pública, no largo do Pelourinho, depois de lançar pregões pelas ruas, nomeadamente a da Trave, Alagoa, Rio da Carvalha, Santa Cristina e Vesada do Ferreiro¹⁶.

Além dos já referenciados, existiam ainda, embora menos numerosos, outros ofícios que estavam presentes em qualquer vila importante como Leomil, assegurando assim os serviços essenciais à comunidade. Num documento existente no Arquivo Municipal de Moimenta da Beira, referente ao Parque Industrial de 1861, aparecem referenciados os seguintes leomilenses, distribuídos por ofícios:

¹⁵ Arquivo Diocesano de Lamego - *Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil*, caixa 6, nº 32, livro nº 1, 1604; livro nº 4, 1862; livro 13, 1871; livro nº30, 1888.

¹⁶ Arquivo Municipal de Moimenta da Beira – *Auto de Arrematação das lameiras da vila e concelho de Leomil*, 1792-1802.

Grémio de Ferradores – José Centeio.

Grémio de Merceeiros de 6.^a ordem – Francisca Rosa.

Grémio de Estalajadeiros de 6.^a ordem – Manuel João.

Grémio de Podeiros de 6.^a ordem – António Joaquim; Ana Carolina; Clemência Dóres; Gabriel Pinto; José Joaquim de Aguiar Lopes; José Pimenta (Beira Valente); José Felício; Maria Gracinda; Rita de Sousa; Teresa de Sousa Valente (Beira Valente); João Paulo (Paraduça).

Grémio de Forneiros de 6.^a ordem – José António Enjeitado; Luís Martins; Manuel de Sousa (Paraduça); Manuel Pereira (Beira Valente); João de Paulo (Paraduça).

Grémio de Taberneiros de 6.^a ordem – António Couto; Maria Santa Ana Neva; Luís Teixeira.

Grémio dos Pedreiros de 6.^a ordem – Joaquim Valente; Francisco Costa; Manuel da Costa; António Dias.

Grémio dos Ferreiros de 6.^a ordem – José Maria Pereira; Manuel Pedro.

Grémio dos Sapateiros de 6.^o ordem – José Inácio; José Pinto de Santa Ana; José dos Santos¹⁷.

No que respeita aos bens transaccionados, e aos respectivos ofícios existentes nas feiras é possível obter algumas informações através de atas camarárias, nomeadamente a de Moimenta da Beira, que em 13 de Junho de 1836 exarou os impostos que deveriam ser pagos pelos feirantes, a saber: negociantes de panos, 100 réis; contrabandistas, 100 réis; tendeiros galegos, 100 réis por cada carga ou costal; tendeiros portugueses, 100 réis por cada carga; vendedores de linho em rama, 20 réis; tecedeiras, 20 réis; vendedores de queijos e galinhas, 10 réis; ferreiros, 40 réis; vendedores de pregagem, 40 réis; coureiros (vendedores de couro), 100 réis; vendedores de socos ou sapatos, 40 réis; vendedores de “cousa branca ou negra”, 40 réis; vendedores de frutos ou hortaliças, 20 réis; vendedores de chapéus, 40 réis; padeiras de fora do concelho, 20 réis; comerciantes de bebidas ao quartilho, 20 réis; “frutadeiras” (vendedoras de fruta) de fora do concelho, 10 réis; negociantes de carne de porco, 20 réis; peixeiras, 40 réis por cada carga; por cada carga de arroz ou bacalhau ou açúcar cobrava a Câmara 40 réis; cada carga de peixe grande era tributada a 40 réis; vendedores de doçuras, 20 réis; pelo negócio de cestaria eram cobrados 20 réis; negociantes de tabuleiros, maceiras e gamelas,

¹⁷ GUIA, A. Bento da – *As vinte freguesias de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira: Câmara Municipal, 2001, 3.^a ed, p.333-339.

20 réis; o negócio de meias e carpins exercia-se com o pagamento de 10 réis e, finalmente, a retosaria e negócios de seda, 40 réis¹⁸.

A 30 de Abril de 1837 a mesma Câmara pronunciava-se novamente em relação à matéria das contribuições directas, indirectas ou mistas sobre as quais versava o Código Administrativo Português. Neste contexto acordou lançar a cada quartilho de vinho vendido nas tavernas o imposto de 1 real; por cada almude, 44 reais; por cada pipa, 968 réis. Estes impostos incidiam sobre “*quem tiver loja aberta a ramo à porta e os mais proprietários poderão vender almudado livremente sem pagar direitos tanto na villa como no concelho*”. Além desta resolução, o edil moimentense deliberou também que se aplicasse o imposto de 120 réis para cada almude de vinho que entrasse no concelho. A ideia era proteger e impulsionar os vitivinicultores locais pois fazia-se questão de vincar que aqueles que fossem naturais do concelho e produzissem dentro dos seus limites ou fora deles nada pagariam pela produção. O mesmo não acontecia os produtores de fora do concelho que produzissem em Moimenta¹⁹.

Ainda no mesmo mês os membros da Câmara fiscalizaram os grémios da praça e mercados da vila e lavraram uma certidão onde constava que o alqueire de trigo se vendia a 620 réis; o alqueire de centeio era comercializado a 440 réis; o alqueire de milho era vendido ao preço de 370 réis e o alqueire de feijão branco riscado vendia-se a 500 réis. Dois meses depois, a 17 de Junho, nova fiscalização. O alqueire de trigo descera para os 550 réis; o preço do alqueire de centeio manteve-se; o alqueire de milho desceu para os 310 réis; o alqueire de cevada que não constava da fiscalização anterior era mercadejado a 160 réis e o alqueire de feijão vendia-se a menos 100 réis do que dois meses antes²⁰.

Além de tudo o já mencionado, importa referir ainda que havia alguns officios que tinham determinados privilégios de isenção. Era o caso do officio de estanqueiro. Prova disso, em 16 de Janeiro de 1838 Joaquim José da Costa Araújo, pai do futuro conde da Lobata, apresentou à Câmara a sua carta de privilégios na qualidade de estanqueiro²¹.

No que respeita aos impostos cobrados pela coroa, eles eram arrecadados por um indivíduo nomeado para esse efeito: tratava-se do recebedor do concelho.

¹⁸ Arquivo Municipal de Moimenta da Beira - *Livro de Actas da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, Junho de 1836 – Maio de 1939*.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

²⁰ Idem, *ibidem*.

²¹ Idem, *ibidem*.

A título de exemplo, em 12 de Novembro de 1836, Tomás Maria de Paiva Barreto, contador da fazenda do distrito de Viseu, nomeou como contador do concelho de Moimenta da Beira Custódio Coutinho da Costa Teixeira por *“nelle se acharem os requeзитos necessários”*. No auto de nomeação da Contadoria Distrital acrescentava-se ainda que o contador de Moimenta da Beira deveria servir nesse ofício *“emquanto bem o desempenhar e assim convinha ao serviço Nacional, devendo apresentar dentro em trinta dias a sua escriptura de obrigação e respoñabilidade que toma sobre si e sem o que não terá efeito esta nomiação a qual deve ser registada na respectiva Camara”*²².

Além dos impostos cobrados pelo Estado, cabia às Câmaras regulamentar os mercados locais e fixar as contribuições indirectas. Os mercados ou mais especificamente as feiras eram sobremaneira importantes para as sociedades do passado. Talvez por isso, cedo houve a consciência de que deveriam ser regrados e tributados. É preciso recuar aos tempos medievos para encontrar a génese do planeamento logístico e económico de que passaram a ser objecto os mercados e as feiras. O preço dos produtos, para que existisse equidade era também uma preocupação das autoridades. A título de exemplo, alguns forais aludem a esse aspecto. Apenas as feiras francas, criadas e impulsionadas pelo “lavrador” (rei D. Dinis), não eram tributadas. Estas, além de pressuporem uma graça ou um privilégio do rei para com determinadas localidades, destinava-se especificamente a impulsionar o comércio, reabilitando o povoamento de zonas ermas. Exceptuando as feiras francas, de que foi exemplo a célebre feira franca de Viseu (que ainda hoje se realiza em memória da feira antiga), ou a feira franca de S. Tiago de Leomil, de gado lanígero, que se realizava a 25 de Julho, dia do padroeiro da vila, todas as outras estavam sujeitas a impostos.

Eram muitas as feiras que se realizavam no actual concelho de Moimenta da Beira. Umas de carácter mais esporádico, ou sazonal, outras de frequência mais basta, eram bem mais do que aquelas que se realizam na actualidade. Moimenta tinha regularmente feira, a qual se realizava nos terceiros domingos e primeiras segundas-feiras de cada mês. Os mercados da vila de Moimenta da Beira remontam ao período moderno e sempre houve a preocupação de os regulamentar. De tempos a tempos, e porque a evolução económica ia sofrendo alterações, as Câmaras Municipais discutiam e fixavam o valor das contribuições a cobrar.

²² Arquivo Municipal de Moimenta da Beira - *Livro de Actas da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, Junho de 1836 – Maio de 1939.*

2.3 - Contexto religioso

Foi sempre forte a vivência do fenómeno religioso em terras de Leomil. O ter sido o maior couto do reino com 276 km², portanto um local aberto a homiziados e outros indivíduos cuja conduta e historial de vida extravasava os limites dos códigos e regras sociais estabelecidas, imprimiu a esta terra laivos de tolerância, nomeadamente para com os judeus que, sob a forma de cristãos-novos, depois da conversão (falsa conversão para muitos) aí conviveram com cristãos. Foi forte essa permanência judaica, havendo dela notícia ainda no século XVIII, altura em que uma família inteira se viu a braços com a dura perseguição inquisitorial.

A convivência era de tal forma pacífica que foi necessário o visitador do bispado determinar em 8 de Novembro de 1649, que o abade e mordomos da confraria do Senhor: *“escuzem coanto for possível darem vara do palio a gente da nação por se evitar algum escândalo que há sobre este particular. E ao mesmo reverendo abbade mando sobre pena de obediência faça condenar aos que trabalhão ao dia sancto na forma que foi mandado na visita passada”*²³.

Ao mesmo tempo que convivia com outras confissões, esta terra, maioritariamente católica, viveu fervorosamente sob a égide dos pressupostos e dogmas cristãos. Evidencia-o, desde logo, o rico património do templo católico mais importante da freguesia - a igreja matriz - que decorria de sucessivos legados que os leomilenses lhe deixavam, como o prova também a própria riqueza arquitectónica e artística do edificio que denota o esmero e o apreço dos paroquianos no transcorrer dos séculos²⁴. S. Tiago é o padroeiro, desde tempos remotos, quando das romarias realizadas a S. Tiago de Compostela, presumindo-se assim que Leomil era um dos pontos de paragem. Além dele, outros santos eram venerados, como comprovam as capelas existentes na igreja matriz, do povo e particulares como a de N. Senhora da Penha de França de que foi muitos anos administrador o visconde de Balsemão, natural de Leomil, tendo aí solar.

Juntam-se aos argumentos esmiuçados a existência de outros monumentos como prova da forte religiosidade ancestral, nomeadamente as capelas referenciadas na Memória Paroquial de 1758, a saber: a de São Sebastião, a da Senhora da Graça, a do Senhor do Calvário, a de Santa Cristina, a de São José, a de Santo

²³ Arquivo Diocesano de Lamego – *Livro de visitasões da igreja de Leomil*, 1637-1701, fl.21v.º.

²⁴ DGARQ/TT - *Tombo das herdades que tem a igreja de Sam Tiago da villa de Luimil*, 23 de Agosto de 1499, Gaveta 9, maço7, doc.16 (cópia do documento realizada em 25 de Fevereiro de 1773).

António, a de São Roque, a de São Vicente e a de Santa Helena. A maior parte delas ainda hoje existe. Mas também os cruzeiros, as alminhas e, sobretudo, as confrarias denotam o fervor católico dos leomilenses. Existiram desde há muito e mantiveram-se até relativamente tarde, as irmandades dos Santos Passos, das Almas e de N. Senhora do Rosário. Nas anexas destacou-se a multissecular irmandade do Divino Espírito Santo²⁵.

A tudo o já exposto convém acrescentar que se realizavam a preceito e com frequência vários actos religiosos como as procissões de clamores pelas ruas da vila e as romarias, ao Nicho, ao cimo de um cume da Serra de Leomil e ainda a outras santidades da região, como a Senhora das Seixas em Arcas, a Senhora da Lapa na Lapa, o S. Torcato em Cabaços, o Santo Antão em Peva e a Senhora dos Remédios em Lamego²⁶. No sorvedouro dos tempos, incaracterizantes, estão a sumir-se as festas e romarias em benefício de solenidades de natureza eucarística, mais dosadas de espírito e menos carregadas de cor. Anjos ajoujadinhos de ouro, penitentes de mortalha e pés descalços, andores armados, estandartes triunfalmente empunhados, cruzes processionais a chisparem lumes de Sinai ao esbranzido sol, pimpões e tocatas colossais no sopro no abano e na pancadaria, já não se vêem hoje em Leomil com o mesmo afínco de há cem e mais anos atrás. Exumavam-se das arcas os trajos de ver a Deus: xailes de franjas, o chapéu braguês, os lenços finos e gloriosos de uma estamparia ultra-impressionista para alegrar a alma dos melancólicos. Cantavam-se as modinhas que teriam inventado há que mundos os tropeiros, aligeirava-se a jornada com as alegres melodias do harmónio, da gaita-de-beiços, ou do fum-farrum da rabeca e dos ferrinhos acompanhados pelo toque dos bombos. Os faias voltavam com o registo do orago entalado na fita do chapéu de felpo, para venerarem a divindade durante o resto do ano. Quem é que hoje já consegue ensinar a *oração do S. Custódio? Custódio, amigo meu.... Custódio sim, amigo não. Dize-me as bentas palavras, ditas e repenicadas....*

Quadros vivos da alegria beiroa a esbaterem-se nas brumas do passado, que de saudades não avivam a quem já os viveu? As romagens dão hoje apenas uma pálida ideia do que foram, perdendo o brilho de que se revestiam. Mais ainda do que as feiras, estão condenadas a perder o seu valor poético. O rigor eclesiás-

²⁵ DGARQ/TT - Dicionário Geográfico, vol.20, Memória 79, Leomil. Veja-se GOUVEIA, Jaime Ricardo - "Aproximação ao universo dos letrados na paróquia da vila de Leomil através dos registos de três confrarias. A arte de escrever e assinar em fé e testemunho de verdade (séculos XVIII e XIX)". *Revista Beira Alta*, vol. LXII, fasc. 3 e 4, 3.º e 4.º trimestres, p.373-446.

²⁶ Arquivo Diocesano de Lamego – *Livro de visitas da igreja de Leomil*, 1637-1701, fl.2; 34-35.

tico, separando as cerimónias religiosas por um lado, e os rápidos meios de transporte por outro, deturpam-nas, abreviaram-lhes a existência, reduzindo-as à sua expressão mais simples. As longas caminhadas já não existem, como não existem também as merendas e bailarias ao ar livre.

Estes quadros religiosos do passado são hoje representados pelo Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil através dos trajos masculinos e femininos de ver a Deus e romeiros.

2.4 - Contexto Histórico (Leomil e as anexas)

Leomil²⁷

A quatro quilómetros a Noroeste de Moimenta da Beira, situa-se a vila de Leomil. A estrada nacional n.º226 atravessa o rectilíneo traçado desta vila em direcção a Lamego. Leomil é terra multissecular, berço da actual sub-região. As suas origens confundem-se com as do próprio reino português. Apesar de várias teorias lendárias, crê-se que a localidade tenha origem na apropriação asturiana de territórios em torno de Viseu e Lamego. Era região fortemente romanizada e então ocupada pelos invasores muçulmanos. As conquistas católicas, nomeadamente as levadas a cabo por Afonso III ainda em finais do século IX, terão libertado esta terra do domínio árabe, como parece demonstrar a origem presumivelmente goda do topónimo. Por conseguinte o vocábulo terá a sua origem no presor godo *Leodemiro* ou *Ledemiro* que fundou aqui a sua vila *Leodemiri*, sendo assim o genitivo a origem do topónimo. Poderá ainda o vocábulo ser desdobrado, resultando em “lews” (paz) mais “mêreis” (célebre).

Com a reconquista definitiva do local pelo Conde D. Henrique, estabelece-se o couto de Leomil, entregue a Garcia Rodrigues e, com ele, posteriormente, o município. Neste período é possível que já se encontrasse no espaço do Couto, uma comunidade judaica que posteriormente viria a constituir nesta vila duas judiarias, nos sítios do *Cancelo* e *Guardal*. Os primeiros monarcas dotaram o couto de amplos privilégios administrativos e judiciais, e os seguintes confirmaram-nos, transformando-o no maior do Reino, com 276 km² e uma população de 6060 habitantes repartidos por vários concelhos. Com ele nasce uma família que viria a

²⁷ O conteúdo aqui exarado encontra-se publicado em GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Avatares da Memória. História, Paisagem e Património do concelho de Moimenta da Beira*. Lisboa: Pangeia Editora, 2013, p.29-30.

ocupar posição de relevo entre os círculos da corte, com particular vigor no período medievo, os Coutinhos.

Leomil foi sede de concelho até 1855 altura em que foi extinto pela reforma administrativa municipalista passando a integrar, até aos dias de hoje, o de Moimenta da Beira. Reelevada a vila, Leomil ressuma as idades da terra e os jeitos de civilizações primitivas e clássicas, visíveis nos dólmenes, restos de estradas romanas, cruzeiros, alminhas, fundações de castros e de mourarias, pedras de cunhais, eirados, portais, cornijas de antigas casas e capelas, palavras e nomes celtas, romanos, godos, árabes, recordações do oriente, do levante, da Europa Central, do Norte de África, tudo se recova e rescende nas chãs e lombas de Leomil, desde os ritos dídicos até às eras da Cristandade, evocando panteísmos e mitologias, gestos bizantinos, românicos, góticos, renascentistas e barrocos, fundidos no ar, no silêncio das cumeadas e no espraiado das veigas. Na meditação dos tesos, no vulto dos penedos, na policromia das várzeas em contrastes de suavidade e aspereza que se juntam na expressão única de uma paisagem sem par, sente-se por toda a parte, a Humanidade de passadas gerações. Com os seus ares de altitude puríssimos, as suas águas cristalinas que nascem na sua Serra, os mimos dos seus abundantes granjeios, relíquias históricas, a vila de Leomil é estância incomparável para quantos, cansados das cidades, precisam de se esquecer para melhor se encontrarem.

Beira Valente²⁸

Beira Valente está ligada a Leomil por uma estrada que em 1910 Julião Moraes Sarmiento tentou que fosse prolongada até Castelo. A Câmara fez um projecto mas ficou-se por aí. Atravessada pela via, reclinase suavemente pela encosta da Barra, entre casarios numa compilação urbanística ao jeito medievo. Em redor da povoação combinam arvoredos verdejantes e floridos com lameiras de pascigo, em doces emanações de frescura que lhe envia o ribeiro que desliza a seus pés, remansoso e cristalino, entre as leiras fecundas onde crescem mimos pujantes e hortas viçosas.

Bonita e bem lavada de ares é uma aldeia de quietude patriarcal de viver provinciano. Galgando a estrada que em pronunciado declive atravessa o primitivo povoado, deparam-se-nos rústicas habitações. Assente no pico do monte, ergue-se altaneira e senhoril esta aldeia, olhando das alturas a líquida fita coleante que se alonga por entre alcantis agrestes e prados verdejantes. Ao cimo da empinada

²⁸ O conteúdo aqui exarado encontra-se publicado em GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Avatares da Memória...*, cit., p.16-17.

ladeira aparece-nos de frente a capela, uma das maiores relíquias de antanho de que esta povoação é depositária. Aborda-la encontra-se o magnífico adro suportado pela portentosa fonte.

Os recantos e ruelas de feição rural revelam a ancianidade da povoação e o seu carácter estético deve-se em parte ao seu isolamento que a via melhorada que a liga à vizinha povoação do Sarzedo, outrora pertencente ao concelho de Leomil, veio ajudar a combater. Para lá da Barra, até ao horizonte infindo, um panorama maravilhoso, vastíssimo, cuja contemplação avassalada pela grandiosidade da paisagem deslumbra pelo encantamento que nos traz ao olhar. Colmas, cursos de água, matagais, pontes, estradas, casais, muros e valados, tudo parece impreciso e de ilimitada grandeza naquele marchetado tapete de variegado colorido e inconcebível variedade de desenhos.

Beira Valente ter-se-á chamado, em tempos remotos, Póvoa Velha. Isso parece indicar um documento de 1335 que diz “*da Poboia Velha per u chamam Beyra Varenta.*” O nome alude à antiguidade do povoamento deste local. Na verdade, próximo existe o local designado de Cargancho, já perto do parque industrial do concelho, onde foram encontrados vários vestígios arqueológicos. No censo joanino de 1527 aparece já com o nome “*quymtam de Bravilamte.*” Em 1758 na Memória Paroquial de Leomil figura como metade pertencente ao concelho de Leomil e outra metade pertencente ao concelho de Castelo.

A sua capela teve uma célebre confraria devota ao Divino Espírito Santo mas que celebrava também a festividade de Santa Bárbara e S. Sebastião. Do património que possuía destacam-se imagens, ornamentos e móveis, um forno e rendimentos fundiários.

Semitela²⁹

Na Portela, em Leomil, metemos por um caminho íngreme de cuja altitude se faz vista boa para a ribeira do Nozede e volvidos alguns minutos estamos na Semitela. Terra de aragens constantes, situa-se na meia encosta numa das saias da Serra.

Serranias churras, pinheirais, lá ao cimo nas cristas pedregosas. Leiras verdejantes em jeitos de frescura, coriscos de água pondo termo à calma absorta, cá e lá em baixo. Num e noutra sítios crescem soutos com bravura e ao lado espreitam muros de silvas, musgos e outros líquenes. Nós estamos ali “agora”. Eles estão ali desde “ontem”. Nós contemplamos o que vemos. Eles escondem

²⁹ O conteúdo aqui exarado encontra-se publicado em GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Avatares da Memória...*, cit., p.51-53.

silêncios remotos. O vale, no estendal do granjeio, acolhe os assobios dos pássaros numa orquestra onde cores e sons se fundem. Reter certas luzes do sol a pôr-se, ver certos muros de torres em ruína faz pressentir pavores ancestrais, atrás de calhaus à espreita dos medos surrateiros, talvez semíticos. A paz que ali se presente é como a dos pousios, apenas sacolejada pelas águas a borbulhar nos caminhos, direitas aos mimos dos granjeios. Hortas, pastagens, searas, colgaduras de estevas e rosmaninhos fazem parte um habitat variado por onde esbraveja uma fauna díspar. Olhar para estas aguarelas com olhos de ver, é viajar por várias dimensões e rememorar as idades esquecidas, os legados que ainda não findaram.

O povo da Semitela (Semit = semitas + tela = ideia de povoado) é a prova cabal da presença semítica ancestral (judaica e árabe) na nossa região. O termo semita tem como principal designação o conjunto linguístico composto por uma família de vários povos, entre os quais se destacam os árabes e hebreus, que compartilham as mesmas origens culturais. A origem da palavra semita vem de uma expressão no Génesis da Bíblia que se refere à linhagem de descendentes de Sem (Semitas), filho de Noé. Modernamente, as línguas semíticas estão incluídas na família camito-semítica.

Historicamente, esses povos tiveram grande influência cultural, pois as três grandes religiões monoteístas, judaísmo, cristianismo e islamismo - possuem raízes semitas. Os judeus terão vindo para a Semitela depois de iniciada a sua diáspora pelo mundo romano, instalando-se no couro de Leomil, um espaço integrador, multi-étnico e multi-religioso. O local dessa fixação terá sido no sopé da serra, nas imediações da sede jurídico-administrativa do Couto, dando-se a essa comunidade o nome de Semitela. Etnicamente os árabes também são semitas, por isso Semitela, que designa urbe de semitas, tanto poderá referir-se a um pequeno povoado de judeus como de árabes ou de ambos em conjunto. Por esse modo, é crível que a povoação da Semitela remonte ao período da conquista ou reconquista da Península Ibérica. Semitela é um nome pelo qual os próprios semitas não se intitulariam. É algo externo a eles próprios. É uma designação de cristãos sobre os outros povos étnico-religiosos. Daí que seja mais plausível que a Semitela tenha sido constituída na época da reconquista cristã.

Poder-se-á ainda equacionar outra hipótese. O latim “Semitella”, como reflecte Almeida Fernandes no célebre trabalho “Toponímia Portuguesa”, poderá ser diminutivo de “semita” com significado de “senda” ou “atalho”. Seguindo ainda a evolução linguística da toponímia poder-se-á conjecturar que “heremitella” de “heremita” relacionada com um templo terá dado origem a “eremitella”, depois

“esmitella” e finalmente “Semitella”. A Semitela foi sempre, na verdade, uma pequena comunidade e nunca deixou de pertencer a Leomil.

Paraduça³⁰

Encontra-se a meia encosta da Serra de Leomil a velha e ridente Paraduça. Velha porque antiga e ridente porque as suas gentes sempre se mostraram afáveis e labutadoras. Existe pelo menos desde 1229, altura em que um documento do mosteiro de S. João de Tarouca a ela se refere como *Paraduza*.

O sítio aqui é de gosto. Agachada nas sombras, cotovelos fincados a espreitar o luar, tem um ribeiro que desce pelas encostas. E, dias há que nada quebra o silêncio e o sossego do dia. A mudez dos ermos soa pelas chãs e matas do vale. O silêncio enluarado e frio paira como se fosse um manto deixado no ar.

Enquanto garante da antiguidade do território esta terra tem efectivamente importância. O seu nome derivado de *Petra adunca* faz referência à existência de megalitos (grandes pedras) na Serra, onde de facto, alguns anos atrás, em jeito de corroboração, foram encontrados alguns dólmenes e com eles vários artefactos relativos às sociedades pré-históricas. Dali ao leomilense Penedo da Pena, megalito de enorme simbologia para a freguesia é um tiro de calhandrina. Solo rochoso há por ali amiúde, mato dentro, batido pelos temporais de Inverno e crestado pelos ardores do sol no estio. Cumes e cabeços de encostas despidas de vegetação arbustiva, e outos mais avantajados em flora, formam autênticos miradouros onde a paisagem impinge um reino maravilhoso.

No largo do Carril encontra-se um cruzeiro de vetusto aspecto. A capela de S. Pedro, bastante antiga, antes de 1645, pelo menos, altura em que aparece referenciada no livro de visitas pastorais feitas à paróquia de Leomil.

2.5 – Eventos históricos relevantes

No período representado pelo Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil não há grandes eventos históricos a relevar. Merecem destaque apenas as lutas liberais e a ulterior Implantação da República que colheu muitos adeptos em Leomil.

³⁰ O conteúdo aqui exarado encontra-se publicado em GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Avatares da Memória...*, cit., p.38-40.

Em 5 de Outubro de 1910 seria proclamada a República. Sete dias depois reunia a autarquia moimentense, por duas vezes, a título extraordinário sob a presidência do vice-presidente Fiel Cardoso de Araújo, com a presença de Fiel Augusto Rebelo e Melo, João Rebelo Pinto (vereador substituto) e Julião Morais Sarmiento. O motivo era manifesto, a sessão teria por fim *“deliberar sobre a attitude desta corporação em face dos ultimos acontecimentos políticos.”* Na primeira, deliberaram por unanimidade aderir franca e lealmente à República filiando-se no Partido Republicano e pondo-se à disposição do Sr. Administrador do concelho; comunicar essa decisão ao Presidente do Governo Provisório, ao Ministro do Interior e ao Governador Civil: *“Esta proposta foi aprovada por unanimidade, manifestando-se todos os vereadores a favor do novo regimen adoptado pela Nação em prejuizo d’outro que tanto tem explorado e envergonhado a Pátria. Como esta vereação fosse eleita emquanto a vontade popular não podia manifestar-se com segurança, e as collerias políticas e os caciques predominavam; comquanto que esta vereação foi eleita, digo, surgiu d’uma eleição em que houve renhida lucta entre todos os partidos, deliberaram dar por finda a sua missão de vereadores, aguardando que o povo republicano escolha quem os substitua na gerência do negócios municipaes”*³¹.

Conclui-se portanto, que a transição política em Moimenta, condicente com os novos tempos, foi preparada pela Câmara anteriormente em exercício de funções, com a máxima colaboração, visível na convocação da sessão extraordinária a fim de ser proclamada a República e colocando o executivo à disposição os seus cargos políticos.

Na segunda sessão extraordinária, presidida pelo Dr. José Antunes da Silva e Castro (viria a ser administrador do concelho no mesmo ano) que aí se encontrava na companhia de muitos dos republicanos activos no concelho, vários elementos do povo e todos os funcionários municipais, foi escolhida, por aclamação, a *Comissão Municipal Republicana* para gerir os negócios da autarquia até ao aparecimento de uma corporação legalmente eleita pelo regime da República. Ficou constituída pelos seguintes indivíduos: efectivos - António Ferreira de Almeida; João de Almeida Galafura Carvalhais; David de Sousa Rocha; Casimiro da Fonseca Martins; José de Almeida Leitão; substitutos - Guilherme Alves Bebiano; Domingos Afonso Portugal; D. José Coutinho de Lencastre; Joaquim dos Santos Pinto; e Manuel António Ferreira Nina. Os mencionados elementos efectivos tomaram posse da mesa e em sessão presidida pelo primeiro, António Fer-

³¹ *Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 1906-1914*, p.82 e v.º.

reira de Almeida - o mais velho, procederam à eleição do presidente, por escrutínio secreto. Recaiu a escolha na figura de João de Almeida Galafura Carvalhais. De seguida, também por escrutínio secreto, elegeu-se para o cargo de vice-presidente António Ferreira de Almeida³².

Prosseguiram os trabalhos nesta sessão inaugural com a leitura de uma moção pelo presidente, do seguinte teor: *“A Comissão Municipal republicana que hoje toma posse e inicia os seus trabalhos, saúda o patriótico Governo Provisório, o valoroso exército e a intrépida marinha de guerra, o heróico e sublime povo republicano de Lisboa, pranteia as vítimas da revolução libertadora e afirma a sua confiança inabalável na redenção da Pátria pela República.”* Esta moção foi aprovada por aclamação. Sob proposta da presidência deliberou-se ainda consignar na acta um voto de louvor e agradecimento aos **cidadãos da Vila de Leomil**, *“que há tantos annos e com a maior lealdade têm contribuído para o engrandecimento do Partido Republicano e para a difusão das ideias democráticas”*³³.

A alusão à vila de Leomil estava efectivamente relacionada com o forte núcleo republicano que se constituíra em redor da casa da família Paiva Gomes e da família proprietária do solar dos Coutinhos. Não se sabe se o triângulo maçónico que terá existido no concelho estava localizado em Leomil, embora seja crível em virtude do teor do extracto da referida ata que aludia sobremaneira ao passado da vila na luta contra a monarquia.

2.6 - Limites temporais da representação

Para que um grupo folclórico seja o mais fiel possível à cultura popular que representa é necessário definir muito bem uma época e a área geográfica que se pretende representar e é sobre esta área e tempo que deve incidir a pesquisa, recolha, preservação e divulgação.

O Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil preserva e divulga a cultura da freguesia serrana de Leomil num período compreendido entre a segunda metade do século XIX (1850) e o ano de 1910 (Implantação da República). Esta é uma escolha eivada de pressupostos de rigor e prova documental. É neste período que se torna possível recolher e cruzar vários tipos de fontes, sendo elas as escritas, as iconográficas, as materiais e as orais. Os limiares rígidos são sempre perigosos,

³² Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 1906-1914, p.82 e v.º.

³³ Idem, *ibidem*, loc. cit.

pelo que o ano de 1910 não será nunca uma barreira fixa, uma vez que em Leomil, como em qualquer rincão do cerne da Beira, rústico, pobre, isolado, as mudanças estruturais em termos sociais, económicos e políticos tardaram sempre em chegar. Fotografias e documentos escritos revelam que em Leomil poucas diferenças de monta se registaram entre os períodos monárquico e republicano se adensarmos um olhar na sociedade dos anos 20 e 30, contrariamente ao que aconteceu nos espaços mais urbanos do Reino onde era outro o formigar de gente e influências externas.

Porém, cumpre sublinhar que dado o lato período cronológico da actividade de pesquisa que este grupo tem como meta, a representação que dela emana torna-se mais fidedigna se for relativa aos finais do século XIX e inícios do século XX. Sobretudo pela maior abundância documental. Por conseguinte, é esse o período representado pelas modas, cantares, instrumentos de bailarico, artefactos etnográficos e trajos do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil.

2.7 - Principais influências externas

Em consonância com o anteriormente exarado é de referir que poucas foram as influências registadas na cultura leomilense, tipicamente beirã, no período de representação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil. Evidentemente que por ser uma zona de transição, de uma Beira Alta Serrana e ribeirinha com laivos do Douro, sofreu influências com os movimentos migratórios sazonais, nomeadamente os que levavam as gentes de Leomil, sobretudo jornaleiros, para as fainas do Douro. A *Chula de S. Tiago*, modinha de coluna executada no dia do Zé Bumba pelas ruas da vila, isto é, no dia posterior às festividades em honra do padroeiro S. Tiago, que se realizavam e realizam no dia 25 de Julho, é um desses resquícios do Douro. Não há dúvida de que a *Chula de S. Tiago* adveio das chulas durienses, onde o povo leomilense labutava sazonalmente nas vindimas³⁴.

Refira-se, também, o espólio documental de algumas famílias leomilenses abastadas, caso dos Coutinhos, revelam uma ligação muito estreita à cultura do Douro, onde tinham caseiros e muitas ramificações familiares. Era grande a movimentação destes lavradores para as terras lamecenses de Quintiã, Cambres,

³⁴ Outros, porém, como o marido de Ana Matos, residente no Largo do Outeiro em Leomil, falecida em 21 de Setembro de 1862, era “criado de servir no Douro”. Arquivo Diocesano de Lamego - *Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil*, caixa 6, nº 32, livro nº4, 1862, fl.2v.º-3.

Carcavelos, Sande e outras actualmente pertencentes ao distrito de Vila Real. Tanto movimentavam leomilenses para o Douro como dele traziam indivíduos para Leomil. Esta franja social abastada mantinha ainda contactos com as grandes tendências sociais e culturais de grandes cidades como o Porto e Lisboa, o que é particularmente comprovado com alguns documentos que versam sobre a compra de tecidos e outros produtos para a confecção de vestuário, adquiridos por essas famílias leomilenses nessas cidades. Tais, documentos, relativos à compra de roupas e tecidos revelam que eles acompanhavam as “modas”, o que é dado a comprovar por algumas peças originais ainda hoje existentes, nomeadamente alguns espécimes íntimos. Esta cultura que se revelava na indumentária e também nas danças palacianas poderá ter tido, posteriormente, influências no povo em geral, através das criadas, criados de servir e caseiros. A modinha intitulada *O meu peitinho tem rendas*, de execução mais compassada parece ter sido uma das que transitou dos salões palacianos, com as devidas adaptações, para os bailaricos do povo. Evidencia bem a importância que estas manifestações espontâneas do povo tinham para a sociabilidade local, com o requerimento dos moços para as moçoilas dançarem e estas ora aceitando ora declinando as propostas.

Curiosamente, em Leomil, não parecem ter acontecido influências fortes providas do exterior, como foram as das invasões francesas, que por aqui se detiveram, aquarteladas em Moimenta, incendiando vários edifícios no concelho como foi o caso da residência paroquial de Leomil, mas deixando para a posteridade alguma prole, como a família afrancesada Sèves. Pelo menos, as famosas modas “Quadrilhas”, e outras, não parecem ter pegado em Leomil, talvez por nunca aqui terem sido executadas.

Já no que toca à influência galega poder-se-á dizer que ela foi mais evidente. O povo galego, e respectiva cultura, esteve presente em Leomil e Moimenta da Beira nos mercados e feiras, como demonstra, entre outras, uma ata camarária de Moimenta da Beira, de 1836, ao referir-se às contribuições indirectas aos mercados: “*tendeiros galegos por carga ou costal 100 réis*”. Dos galegos ficaram, na indumentária, as boinas que usavam, e ficaram determinados apelidos de família na região, como os Requeijos³⁵.

Finalmente, foram evidentes as influências da cultura brasileira trazidas pelos leomilenses regressados à Pátria e provenientes da outra margem do Atlântico para onde emigraram em massa nos finais do século XIX. No Arquivo

³⁵ VAZ, Rodrigues (coord.) - *Os Galegos nas Letras Portuguesas*. Lisboa: Pangeia Editores, 2008.

Distrital de Viseu encontram-se vários documentos relativos à emissão de passaportes, neste contexto, relativos a esse período³⁶. Tais influências foram particularmente visíveis nas habitações; nos momentos de recreio e lazer, sendo o *jogo dos paus pretos* uma dessas evidências; e também na indumentária, expressas por exemplo na modinha *São Saias*, que se refere às *calças à brasileira*.



Largo do Outeiro.
Inícios do séc. XX.

³⁶ Viriato Centeio, de 18 anos de idade, e António da Silva Paiva, de 15 anos de idade, obtiveram passaporte para o Império do Brasil em 11 de Abril de 1859, Arquivo Distrital de Viseu - PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0001/00649, cx.3399 nº597/2 f.89v-90; PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0001/00650, cx.3399 nº597/2 f.89v-90. Em 1861 mais três leomilenses receberam passaporte com igual propósito, António Centeio Aguiar, de 15 anos; Abel Maria da Rocha, de 14 anos de idade; e Luís dos Santos, de 18 anos de idade. Arquivo Distrital de Viseu - PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/00579, cx.3399 nº598/3 f.89v-90; PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/00582, cx.3399 nº598/3 f.90v-91; PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/00599, cx.3399 nº598/3 f.93v-94. Firmino Martins, de 32 anos, jornalista, obteve esse documento em 1863. Arquivo Distrital de Viseu - PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/01019, cx.3399 nº598/3 f.167v-168. Até finais do século registam-se vários exemplos iguais aos referidos.



Quinta do Douro, homens dos cestos - tocadores de guitarra, concertina, cavaquinho, ferrinhos e bombo.
c.1940.



Quinta do Douro, transporte das uvas ao som da música.
c.1940.



Douro, bailarico no fim das vindimas.
1940.



Quinta do Douro, transporte das uvas ao som da música.
c.1940.



Douro, Lagar – pisando as uvas.
1920.

3 – A CANÇÃO POPULAR EM LEOMIL (MÚSICA, CANTO E DANÇA): ACERVO OU REPORTÓRIO

Circulando anónima entre o povo, vinda não se sabe de onde, a canção popular é, em toda a parte, na simplicidade dos elementos que a constituem e no mistério que a envolve, expressão fiel de quem a criou e recriou. Na matriz cultural de um povo, todo o vestígio folclórico ou ergográfico se constitui naturalmente como uma marca, um reflexo da sua maneira de sentir, de crer, enfim... de ser e de viver. Jogos, lendas, superstições, credences, utensílios de trabalho, provérbios... tudo isso são fontes reveladoras das sabenças e usanças de um determinado povo. Mas a sua psicologia, a exteriorização da sua voz, do seu sentir, do seu desejo, é na música e na poesia dos cantares que se apreende. A canção é, pois, a alma do povo. E é bem de ver as diferenças entre os povos de acordo com a expressão da sua voz melódica e poética. Melancólica e triste resignada, na Rússia; ardente, na Espanha; cortês e discretamente maliciosa, na França; fleumática, na Inglaterra; lânguida, na Itália, para citar alguns exemplos³⁷.

As modinhas praticadas em Leomil decorriam em vários espaços e tempos. As gentes da terra sempre cantavam, desde a meninice à velhice, nas mais diversas fases da vida. O canto sempre foi um *bom conselheiro* e muitas vezes o *remédio* para o equilíbrio entre corpo e espírito. Dizia-se que “*quem canta seus males espanta*”. Por isso cantava-se na alegria e na tristeza; na certeza, na incerteza e na esperança; na tempestade e na bonança; na fartura e na miséria; no trabalho e no descanso, na felicidade e na dor... Sofria-se cantando, lutava-se cantando, amava-se cantando. A cantiga era sempre oportuna. Irmã do vinho, que se emborcava no Inverno para aquecer e no Verão para refrescar, pois dizia o povo: “*Quando eu ganho dez reis, gastá-los é meu costume, em água pisada aos pés, fervida sem ir ao lume*”. Dizia ainda o povo, a este propósito, rimando: “*Cantigas são pataratas, e eu digo que as não são, muitas vezes em cantigas, desafogo o coração*”.

³⁷ DIAS, M. Simões - *Aspectos da canção popular portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1952, p.5-46.

O vulgo cantava despreocupadamente as suas modas que cheiravam à terra mexida, ao rego do arado, ao trigo ceifado, ao rosmaninho. Cantava quando apetecia e a alma o pedia, pois não se ralava com aprumadas composturas, conveniências ou distinção de maneiras. Homens como aquele que cuspiu nas mãos para se agarrar à enxada cantava desmesuradamente para adoçar a sua existência, sem que isso lhe ficasse mal ou daí viesse mal ao mundo. Rude nos modos e terno nos sentimentos; simples nas crenças, sagaz e penetrante na filosofia da vida; capaz de agarrar toiros pelos chifres e quedar tímido ante a força invisível de bruxedos; era também este o tipo de homem que cantava³⁸.

A quem se cantava? Deus, a mulher e a terra, eis a trilogia por excelência que inspirava a canção popular. São estes, por conseguinte, os amores do povo. E, entre os amores, o que mais se cantava era, precisamente, o amor. Nenhum tema ocupa na lírica popular lugar de mais destaque do que a poesia amorosa. Amar não é apenas gostar, ainda que se goste com ardor, com fervor, com entusiasmo ou mesmo com paixão. Amar é dar a vida e dá-la com alegria, fazer depender a nossa felicidade da felicidade do objecto amado, esquecer-se de si próprio e considerar-se pago de todas as abnegações com um sorriso de gratidão e de ternura. É “bem querer”. Delicada e profunda expressão lusíada, que enleia na adorável simplicidade de três sílabas os sentimentos de dedicação e servidão, de lealdade e honestidade, de abnegação e ternura que caracterizam a maneira especial de amar do povo português. É isso que encontramos nas canções populares portuguesas³⁹.

Os serões das noites infindáveis de Inverno eram uma das mais típicas ocasiões em que a *gente miúda* cantava. Esteve em proibi-los a autoridade nesta ou naquela terra. Prevaleceu, contudo, a entranhada costumeira e as aldeãs voltaram a fiar e a dobar as suas meadas em volta da candeia pendurada por um nagalho na loja das vacas, com os maridos morfanhos a ressonar na palha e os manéis a fazer fósquinhas às moças. Ali, em certas datas, depunham as rocas, as agulhas da meia, e dançavam. Dançavam modas como a *Amélia Tecedeira* ou *Namorei a Tecedeira*, que tecedeiras por ali sempre teria havido, como comprovam os registos paroquiais de Leomil, dos fins do século XIX. Um deles, a título de exemplo, registou o óbito de Josefa Cardosa, que em 1888 se finava com 80 anos⁴⁰.

³⁸ DIAS, M. Simões - *Aspectos da canção popular portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1952, p.5-46.

³⁹ Idem, *ibidem*, loc. cit.

⁴⁰ Arquivo Diocesano de Lamego, *Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil*, caixa 6, nº 32, livro nº30.

As danças eram executadas impreterivelmente em roda⁴¹, exceptuando a *Chula*. *Chula* que em Leomil era... de *S. Tiago*, que outras se dançavam por estes rincões fora, como asseverava Aquilino Ribeiro em *Quando os lobos uivam* (p.243) – “*O domingo passou-o na terra – taverna, adjunto no largo, tocata, duas voltas à chula.*” A *Chula de S. Tiago* era dançada no dia do Zé Bumba, posterior ao dia da festividade do padroeiro S. Tiago, que se realiza a 25 de Julho, e em sua honra bailada sob a forma de coluna, pelas ruas do lugar. Com discrição e boas maneiras eram poucos os contactos lícitos. As mãos encaixavam nas mãos e nos braços mas nunca no regaço. Já dizia António de Sêves no seu conto *O Carreiro*: “[...] *E, tanto assim, que nunca lhe consentira os pezinhos na roda quente das saias*”⁴².

Os tempos em que se entoavam e dançavam as modas variavam menos do que os locais onde elas decorriam. Enquanto se tocava, cantarolava e dançava maioritariamente no contexto das fainas e...sobretudo.... no fim delas, o espaço em que tal decorria era variado, estando confinado ao local dos trabalhos. À parte destes contextos, estas manifestações sociais decorriam ainda no âmbito das folias de romaria e de Domingo. Conta ainda a tradição oral que todos os Domingos se dançava perto da Carvalha do Outeiro⁴³: os de *tigela* e de *tigela e meia*. Assim como nos inícios do século XX se dançava no terreiro da Fonte da Picota, recém-construída. Rapidamente apareciam, entre outros, de acordo com a disposição dos tocadores, o realejo, a harmónica, a flauta, o bombo, e os ferrinhos. Contrariamente ao que se verificava noutras terras, até da freguesia, como Beira Valente, as folias de Domingo não parecem ter ocorrido em Leomil no adro da Igreja, o que se terá devido à exiguidade dos seus limiares que o impossibilitavam à partida.

⁴¹ Isso mesmo se colhe, entre outros textos literários, em “Uma Romaria na Beira”, in *Mário* (p.247-252), da autoria de Silva Gaio: “*Traz camisa de linho, com peitos bordados; colete de cor viva (...). Perto da igreja há grande animação. Cantam as rabecas a chula e a ramalda, com sons de áspero desespero. As cravelhas desandam. É o mesmo. O arco vai sempre correndo sobre as cordas; o rosto do tocador, inclinado para a esquerda, segura a rabeca sobre o pescoço, e as cravelhas são puxadas até duvidosa afinação. Há muitos grupos. Em volta deles, muitos espectadores a animarem os dançadores, a dizerem graças às dançadoras, que vão sapateando em roda e começando voltas que não acabam; ora dando estalos com os dedos, ora requebrando-se de braços arqueados, e com as mãos na cintura.*”

⁴² SÈVES, António de – *Leomil*. Lisboa: Lusitania Editora, Limitada, 1921, p.14.

⁴³ O mesmo dizia António de Sêves, no livro *Leomil* (p.63): “*O seu desejo era deixar-se, p'r'ali, naquele estado de quem meio ensonado desperta e sinta como se fosse para muito longe partir, esperando, no mesmo instante, alguém que já se delata. Ou então correr para o Outeiro, para o largo mais espaçado e, com Tomé e Manéis, bailar, bailar, bailar, até cair de canseira.*”

Os instrumentos que animavam esses *bailos* eram criações do mais simples e rudimentar que existia. Qualquer flauta de cana, até ao harmónio, à harmónica, à viola beiroa, à rabeça, acompanhados pelo bombo de pele caprina e/ou pelos ferrinhos, eram substância de sobra para animar um bailarico. A música do povo era espontânea. E era-o de tal forma que um bater de palmas banal, um as-sobio natural, eram suficientes para iniciar a folia, formando-se uma roda, e executando-se danças simples que permitiam os pares entrar e sair da mesma no seu decurso. Tal só não era possível nos *jogos dançados* ou *danças mimadas* que requeriam marcações e determinado número de pares, bem como naquele tipo de danças mais complexas portadoras ainda de ingredientes palacianos de onde haviam transitado.

Além dos *bailos*, *folias* ou *folgedos* no terreiro, ou no contexto das fainas, existiam também *reinações*, em forma de brincadeira alegre, que ocorriam em andanças nocturnas e diurnas, por bandos que corriam as ruas, de que são exemplo os festejos de Réis e das Janeiras. O anúncio do nascimento de Cristo ou o anúncio do novo ano, com cortejo, peditório, saudações de entrada e despedida, louvações à casa, a seu dono e aos presentes, são tradições com resquícios de costumes pagãos que a Igreja, não conseguindo erradicar, passou a incorporar, dando-lhes sentido religioso. Uma fusão entre o sagrado e profano que passou a fazer parte da cultura popular. Não se “*balhava*”, é certo, mas existia muita folia, com música e canto. O povo não sabia dizer versos sem os cantar ao passo que a música puramente instrumental era praticamente inexistente nas camadas populares.

No que respeita às melodias das músicas e danças que fazem parte do repertório do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil elas foram recolhidas junto dos leomilenses que contavam maior número de primaveras na altura em que o Rancho foi fundado, isto é, em 28 de Maio de 1978. Os sujeitos da recolha foram a fundadora, Sr.^a D. Zézinha, professora primária, coadjuvada por outros elementos pertencentes ao corpo directivo e técnico. As aludidas recolhas não foram, porém, registadas em nenhum suporte a não ser em pautas. Algumas delas chegaram até aos dias de hoje, apresentando-se ao longo deste sub-capítulo. Foram escritas pelo maestro José Santana, actualmente já defunto, o qual foi tocador de vários instrumentos no grupo desde a fundação do mesmo. No que concerne à execução da música pelos tocadores e ao canto da letra pelos cantadores e cantadeiras, o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil tem já publicados dois Cd's.

No que diz respeito ao produto das recolhas poder-se-á dizer que aqui e acolá, o olhar e ouvido treinados, logo identificam vocábulos extemporâneos e,

por conseguinte, invenção dos autores da recolha. Presume-se que nem sempre foi possível colher canções completas, redundando por vezes a colheita na existência de apenas um ou dois versos sem seguimento. Brechas que pessoas pouco esclarecidas nos meandros do Folclore podem resistir à tentação de suturar, não se preocupando sequer com a terminologia utilizada, fazendo perigar *ad eternum* a autenticidade de determinada modinha. As modas populares eram, no geral, bastante simples, no seu aspecto poético, de frases melódicas curtas e por vezes mal esboçadas; no seu aspecto melódico, espécie de melopeias rudimentares; e de fácil execução. Se as não encontrarmos com este figurino é mau sinal.

O acervo ou reportório do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil é composto por modinhas que representam um período lato no tempo que extravasa os limites temporais a montante e a jusante da época representada. Evidentemente que, ao público, nos festivais e outros eventos de representação do folclore leomilense, apenas são apresentadas as modinhas relativas ao período de representação do grupo, ficando as demais em depósito como património imaterial que deve ser conservado para o futuro. Estas últimas, oriundas de uma época posterior, mais recente, têm em comum o ritmo melódico que se filia ao estilo marcha, a qual denota elementos que assumem um carácter mais solene. A marcha é originária da Europa, popularizou-se no Brasil nos fins do século XIX e chegou à sociedade leomilense, com adaptação à dança, numa época muito posterior ao período representado pelo Rancho Folclórico, isto é, depois dos anos 30 do século XX. É o caso das modas: *Pé com Pé; Não quero sapato alto; Ó que lindo par eu levo*, e *És Leomil ó Minha Terra*.



Vista parcial do solar dos Coutinhos, Igreja Matriz e
residência paroquial.
Primeiro quartel do séc. XX.

3.1 – MODINHAS DANÇADAS

Batei o vosso pezinho (Chula de S. Tiago)



Pauta elaborada por José Santana

Na noite de S. Tiago Na noite de S. Tiago Toda a gente quer bailar	} BIS	} Coro
INSTRUMENTAL		
Andam rapazes e moças Andam rapazes e moças Constantemente a bailar	} BIS	} Coro
INSTRUMENTAL		
Raparigas folgazãs Raparigas folgazãs Vamos agora virar	} BIS	} Voz feminina
INSTRUMENTAL		
Batei o vosso pezinho Batei o vosso pezinho Que a moçoila troca o par	} BIS	} Voz feminina
INSTRUMENTAL		
Vira-te p'ra mim moçoila Vira-te p'ra mim moçoila Quero ver o teu olhar	} BIS	} Voz masculina
INSTRUMENTAL		

Vira-te p'ra mim moçoila
Vira-te p'ra mim moçoila
Que a moçoila troca o par } BIS } Voz masculina
INSTRUMENTAL (+2)

Os teus olhos quando bailam
Os teus olhos quando bailam
Bailam à volta dos meus } BIS } Coro
INSTRUMENTAL

Depois de tanto bailar
Depois de tanto bailar
Já não sei quais são os meus } BIS } Coro
INSTRUMENTAL

(por tempo indefinido - arruada)



Solar dos Coutinhos.
Anos 80 do séc. XX.

Amélia Tecedeira

Pauta elaborada por José Santana

Ó Amélia, ó Amélia	}	BIS	}	Vozes masculinas
Ó Amélia tecedeira				
Hei-de te mandar fazer	}	BIS		
Um tear de laranjeira				
Um tear de laranjeira	}	BIS	}	Vozes femininas
Ah! Ah! Ah! Eu estou-me a rir				
Foram dizer a meu pai	}	BIS		
Qu'eu me andava a divertir				
Qu'eu me andava a divertir	}	BIS		
Qu'eu andava na brincadeira				
Sou Amélia, sou Amélia	}	BIS		
Sou Amélia tecedeira				
Sou Amélia tecedeira	}	BIS		
Ah! Ah! Ah! Que reinação				
Ó Amélia, ó Amélia	}	BIS		
Amélia do coração.				



Vista parcial do solar dos Coutinhos, Igreja Matriz e residência paroquial.

Anos 40/50 do séc. XX.

Namorei a tecedeira

Namorei a Tecedeira

Pauta elaborada por José Santana

Namorei a tecedeira	}	BIS	}	Voz masculina
Pelo buraco da chave				
Ela estava ruca truca	}	BIS		
Minha porta não se abre				
Minha porta não se abre	}	BIS	}	Voz feminina
Ela é ruim de abrir				
Ela estava ruca truca	}	BIS		
Minha mãe estava a dormir				
Minha mãe estava a dormir	}	BIS		
Estava no primeiro sono				
Ela estava ruca truca	}	BIS		
Assenta-te aqui António				
Assenta-te aqui António	}	BIS		
À beira deste tear				
Enche aqui duas canelas	}	BIS		
E deixa o mundo falar.				

INSTRUMENTAL



Família Paiva Gomes, lavradores abastados.
Inícios do séc. XX.



Família Paiva Gomes, lavradores abastados.
Finais do séc. XIX.

O enleio

The image shows a musical score for the song 'O enleio'. It consists of five staves of music. The first staff is labeled 'Introdução' and the last staff is labeled 'Voz'. The music is written in a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is simple and repetitive, with a clear rhythmic pattern.

Pauta elaborada por João Simões

Ó enleio, ó enleio	}	BIS	}	Vozes femininas
Ó enleio enleador				
Ai também me enleava a ti	}	BIS		
Ai se tu fosses meu amor				
Se tu fosses meu amor	}	BIS	}	Vozes masculinas
Se tu fosses minha amada				
Ai também me enleava a ti	}	BIS		
Ai ao romper da madrugada				
Ó enleio que te enleaste	}	BIS	}	Vozes femininas
À sombra do arvoredado				
Ai, eu queria me enlear contigo	}	BIS		
Ai, meu amor tiveste medo				
Ó enleio que te enleaste	}	BIS	}	Vozes masculinas
À sombra do acipreste				
Ai, eu queria me enlear contigo	}	BIS		
Ai, meu amor tu não quiseste				
Ó enleio que te enleaste	}	BIS	}	Vozes femininas
À sombra de um castanheiro				
Ai, eu queria me enlear contigo	}	BIS		
Ai, contigo rapaz solteiro				



José Coutinho, lavrador abastado, último Morgado da Casa dos Coutinhos.
Segunda metade do séc. XIX.

Padeirinha



Pauta elaborada por José Santana

Padeirinha que bate, bate	} BIS] Coro
Padeirinha que já bateu		
Quem gosta da padeirinha, ó meu bem	} BIS] Voz feminina
Quem gosta dela sou eu		
] Voz masculina
No meio deste terreiro	} BIS] Coro
Um valado hei-de abrir		
Para enterrar a saudade, ó meu bem	} BIS] Voz feminina
Que me não deixa dormir		
] Voz masculina
Padeirinha que bate, bate	} BIS] Coro
Padeirinha que já bateu		
Quem gosta da padeirinha, ó meu bem	} BIS] Voz feminina
Quem gosta dela sou eu		
] Voz masculina
Padeirinha desta calçada	} BIS] Coro
Levantai-vos e dizei		
Quem vos passeia de noite, ó meu bem	} BIS] Voz feminina
Que eu de dia bem o sei		
] Voz masculina

Padeirinha que bate, bate	} BIS] Coro
Padeirinha que já bateu		
Quem gosta da padeirinha, ó meu bem	} BIS] Voz feminina
Quem gosta dela sou eu] Voz masculina

INSTRUMENTAL

Padeirinha que bate, bate	} BIS] Coro
Padeirinha que já bateu		
Quem gosta da padeirinha, ó meu bem	} BIS] Voz feminina
Quem gosta dela sou eu] Voz masculina



Convivas, lavradores abastados, caseiros e criados, Douro Sul.
Finais do séc. XIX.

Elos da Videirinha



Pauta elaborada por José Santana

Ó elos da videirinha	}	BIS	}	Voz feminina
Põe-te a pé, dá-me um abraço				
Eu nunca fiz a ninguém	}	BIS		
Carinhos que a ti te faço				

REFRÃO

Eu se canto é porque canto	}	BIS	}	Coro
Eu se choro é porque choro				
Se me rio para ti	}	BIS		
Dizem que eu te namoro				

O que faço nesta vida	}	BIS	}	Voz feminina
Só a mim me diz respeito				
Não tenho que te dar contas	}	BIS		
Do que me guardo no meu peito				

REFRÃO] Coro

P'ra deixar de te amar	}	BIS	}	Voz feminina
Eu não sei qu'hei-de fazer				
No coração não se manda	}	BIS		
Sempre assim ouvi dizer				

REFRÃO] Coro

INSTRUMENTAL

REFRÃO] Coro



Reunião de família de lavradores abastados.
Finais do séc. XIX.

Qu' é da rosa que te dei

The image shows a musical score for the song 'Qu' é da rosa que te dei'. It consists of six staves. The first staff is labeled 'Introdução' and contains a melodic line. The second staff is labeled 'Voz' and contains the vocal melody. The third, fourth, and fifth staves contain accompaniment. The sixth staff is labeled 'Piano Solo' and contains a piano accompaniment. The score is in 4/4 time and G major.

Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

Qu' é da rosa que te dei } BIS
Enleadinha ao botão

Ela era linda, eu gostava dela } BIS
Dei-lhe toda a estimação

Qu' é da rosa que te dei } BIS
Colhida no roseiral

Ela era linda, eu gostava dela } BIS
Não havia outra igual

Qu' é da rosa que te dei } BIS
Cortada pelo calor

Ela era linda, eu gostava dela } BIS
Reguei-a com todo o amor

Qu' é da rosa que te dei } BIS
Trouxe-a junto ao coração

Ela era linda, eu gostava dela } BIS
Dei-lhe toda a estimação



Lavradeiras abastadas, Dulce, Amélia Coutinho e
Engrácia Ribeiro Braga.
Inícios do séc. XX.

Ó Bela Rapaziada



Pauta elaborada por José Santana

[cantada em coro]

Ó bela rapaziada
Ora viva a pândega, ora viva a pândega } BIS
Anda a roda desanda a roda
Anda amor comigo anda

Ó bela rapaziada
Viva a mocidade, viva a mocidade } BIS
Canta e brinca pr'a depois
Mais tarde sentires saudades

Ó bela rapaziada
Toca a dançar, toca a dançar } BIS
Esta vida são dois dias
É feliz quem sabe amar

Ó bela rapaziada
Viva a alegria, viva a alegria } BIS
É pr'a mim grande tesouro
Meu amor, minha Maria

Ó bela rapaziada
Viva a nossa terra, viva a nossa terra } BIS
Tu tens de fazer viver
Tradições que ela encerra



Vista de Leomil.
Inícios do séc. XX.



Vista de Leomil.
Primeira metade do séc. XX.

Mariquinhas



Pauta elaborada por José Santana

Mariquinhas teu pai deu-te	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
Bem te podia matar	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
Tinhas o caldinho feito	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
E a loucinha por lavar	}	Voz feminina

REFRÃO

Ora bota abaixo, ora bota acima	} BIS 2x]	Voz masculina
Ora bota abaixo, ó rica prima		

As meninas de Leomil	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
Vestidinhas a primor	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
Fazem perder a cabeça	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
A qualquer senhor Doutor	}	Voz feminina

REFRÃO

	} BIS 3x]	Voz masculina
Meu amor disse que vinha	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
Quando a lua viesse	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
A lua já vai tão alta	}	Voz feminina
Ora bota abaixo	}	Voz masculina
Meu amor não aparece	}	Voz feminina

REFRÃO

	} BIS 3x]	Voz masculina
--	------------	---------------

Algum tempo p'ra te ver
Ora bota abaixo
Abria sete janelas
Ora bota abaixo
Agora p'ra te não ver
Ora bota abaixo
Não abro nenhuma delas

} Voz feminina
} Voz masculina
} Voz feminina
} Voz masculina
} Voz feminina
} Voz masculina
} Voz feminina

REFRÃO

} BIS 3x } Voz masculina



Vista do Largo do Pelourinho.
Primeira metade do séc. XX.

Pois agora viras tu



Pauta elaborada por José Santana

Cravo branco à janela
É sinal de casamento
Quer de noite, quer de dia
Não me saís do pensamento

} Voz feminina

REFRÃO

**Pois agora viras tu, Pois agora viro eu
Pois agora viras tu, Viras tu e mais eu
Pois agora viras tu, Pois agora viro eu
Somos ambos a virar, Viras tu e mais eu**

} Coro

Quando fores à vidraça
Lembra-te de mim, amor
Abre-me sempre a janela
Também deves ter calor

} Voz feminina

REFRÃO] Coro

INSTRUMENTAL

REFRÃO] Coro

São pintados de _amarelo
Os teus cravos antoninhos
Vem regá-los à noitinha
Para te dar dois beijinhos

} Coro

REFRÃO] Coro



Família Coutinho.
Fins do séc. XIX.

Vai de brinco

The image shows a musical score for the song 'Vai de brinco'. It consists of nine staves of music. The first staff is labeled 'Introdução' and the second staff is labeled 'Voz'. The music is written in a 3/4 time signature and features a mix of eighth and sixteenth notes, with some rests. The score is arranged in a standard Western musical notation style.

Pauta elaborada por João Simões

E vai de brinco meu amor e vai de brinco	} BIS	} Coro
Que a brincadeira vai boa		
Meu pai comprou-me uma casa		
Na cidade de Lisboa		
Na cidade de Lisboa	} BIS	} Vozes femininas
Tem lá muitas p'ra me dar		
Com vinte e cinco janelas		
Viradinhas para o mar		
Viradinhas para o mar	} BIS	} Vozes femininas
Viradinhas para a praia		
E vai de brinco meu amor e vai de brinco	} BIS	} Vozes femininas
Cautela não me rasgue a saía		
Cautela não me rasgue a saía	} BIS	} Vozes femininas
De longe diga o que quer		
Não perde você que é homem	} BIS	} Vozes femininas
Perco eu que sou mulher		



Engrácia Ribeiro Braga, lavradeira abastada.
Fins do séc. XIX.

Meia volta ao par

The musical score consists of five staves. The first staff is labeled 'Introdução' and contains an instrumental introduction. The second staff is labeled 'Voz' and contains the vocal melody. The remaining three staves provide harmonic accompaniment. The music is written in a key with one sharp (F#) and a 2/4 time signature.

Pauta elaborada por João Simões

O sapato me aperta, ó prima
A meia me faz calor
Anda cá para meus braços
Só tu és o meu amor

} Voz masculina

REFRÃO

Meia volta ao par
Se a sabes dar
És o meu amor
Não te hei-de eu deixar

} Coro

Se queres saber onde moro
Eu dou-te a minha morada
Eu moro em Leomil
À beirinha da estrada

} Voz feminina

REFRÃO] Coro

INSTRUMENTAL

REFRÃO] Coro

Se fores a Leomil
Não andes por lá à toa
Vai bater à minha porta
Tenho te lá coisa boa

} Voz feminina

REFRÃO] Coro



Dr. Genésio Pereira, lavrador abastado.
Segunda metade do séc. XIX.

Neste mundo de incertezas

The image shows a musical score for the song 'Neste mundo de incertezas'. It consists of seven staves of music. The first staff is labeled 'Introdução' and the last staff is labeled 'Voz'. The music is written in a single melodic line with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The rhythm is primarily eighth and sixteenth notes, with some rests. The score ends with a double bar line and repeat dots.

Pauta elaborada por João Simões

Neste mundo de incertezas	}	BIS	} Coro
Já não há senão fadigas	}	BIS	
Parece que me estás falando	}	BIS	
Às escondidas, às escondidas	}	BIS	
Carinhosa, minha carinhosa	}	BIS	
Ó cara de neve, meu botão de rosa	}	BIS	
Ó moças da minha terra	}	BIS	
Lembraí as vossas cantigas	}	BIS	
Parece que me estás falando	}	BIS	
Às escondidas, às escondidas	}	BIS	
Carinhosa, minha carinhosa	}	BIS	
Ó cara de neve, meu botão de rosa	}	BIS	
Vimos lembrar neste dia	}	BIS	
As nossas canções antigas	}	BIS	
Parece que me estás falando	}	BIS	
Às escondidas, às escondidas	}	BIS	

Carinhosa, minha carinhosa	}	BIS	} Coro
Ó cara de neve, meu botão de rosa			
No dia da nossa festa	}	BIS	
Cantai todas raparigas			
Parece que me estás falando	}	BIS	
Às escondidas, às escondidas			



Amélia Coutinho, lavradeira abastada.
Fins do séc. XIX / inícios do séc. XX.

Hoje aqui é que reina a Glória (Picadinho)



Pauta elaborada por José Santana

Eu hei-de, eu hei-de vir	}	BIS	}	Voz feminina
Fala te não hei-de dar				
Hei-de te deixar moer				
Como as areias do mar				

REFRÃO

Hoje aqui é que reina a Glória	}	BIS	}	Coro
O amor é que nos seduz				
São cravos em nosso peito				
São raios cheios de luz				

Anda lá para diante	}	BIS	}	Voz masculina
Q'eu atrás de ti não vou				
Não me pede o coração				
Amar a quem me deixou				

REFRÃO

] Coro

Um à frente, outro atrás	}	BIS	}	Voz feminina
Algum de nós vai parar				
Eu sempre ouvi dizer				
Quem desdenha quer comprar				

REFRÃO

] Coro

Quem desdenha quer comprar	}	BIS	}	Voz masculina
Pois é esse o caso meu				
Se for da tua vontade				
Serás minha, eu serei teu				

REFRÃO

] Coro



Dr. Genésio Pereira, lavrador abastado.
Segunda metade do séc. XIX.

O meu peitinho tem rendas



Pauta elaborada por José Santana

O meu peitinho tem rendas	}	BIS	}	Voz feminina	
O meu peito rendas tem					
As rendas são p'ros amores	}	BIS			
P'ra ti amor, p'ra mais ninguém					
Mas que alegria me dá	}	BIS		}	Voz masculina
Essa tua confissão					
Há quanto tempo amor	}	BIS			
Eu aspirava à tua mão					
Se tu és o meu amor	}	BIS	}	Voz feminina	
Vira-te só para mim					
Vai pedir ao meu pai	}	BIS			
Vamos ao padre dizer o sim					
Dizer o sim, quem me dera	}	BIS	}	Voz masculina	
É essa a minha paixão					
Acerto o passo Maria	}	BIS			
Baila o compasso do coração					
Ai o amor é tão lindo	}	BIS	}	Coro	
Ver os teus olhos nos meus					
Seremos muito felizes	}	BIS			
Juntos daremos graças a Deus					



Amélia Coutinho e Amélia Coutinho, lavradeiras abastadas.
Fins do séc. XIX / inícios do séc. XX.

Ó Zé que arrebenta a pipa



Pauta elaborada por José Santana

[cantada em coro]

Ó Zé que arrebenta a pipa }
Ó Zé que se vaza o vinho } BIS

As moças da minha terra }
Ai sabem dançar o fadinho } BIS

Sabem dançar o fadinho }
Sabem de toda a maneira } BIS

Ó Zé que arrebenta a pipa }
Ai rebenta pela torneira } BIS

Rebenta pela torneira }
Rebenta pelo espicho } BIS

Inda havemos de ir bebê-lo }
Ai na romaria do Nicho } BIS

Na romaria do Nicho }
Inda havemos de lá ir } BIS

Ou casados ou solteiros }
Ai ou mocinhos de servir } BIS

Ou mocinhos de servir }
Vamos de qualquer maneira } BIS

Ó Zé que arrebenta a pipa }
Ai rebenta pela torneira } BIS



Alguns membros da família dos Coutinhos e caseiros.
Inícios do séc. XX.

São saias



Pauta elaborada por José Santana

São saias meu amor, são saias	}	BIS	}	Vozes femininas
São calças à brasileira				Vozes masculinas

São dançadas e bailadas	}	BIS	}	Coro
Servem de toda a maneira				

REFRÃO

Aqui é que estão as saias	}	BIS	}	Vozes femininas
Aqui é que as calças estão				Vozes masculinas

São dançadas e bailadas	}	BIS	}	Coro
Da raiz do coração				

Julgavas em me deixares	}	BIS	}	Vozes femininas
Que eu de penas morreria				Vozes masculinas

Vão-se uns amores ficam outros	}	BIS	}	Coro
Vivo na mesma alegria				

REFRÃO

Algun tempo era eu	}	BIS	}	Vozes femininas
Amor do teu coração				Vozes masculinas

Agora já somos duas	}	BIS	}	Coro
A dar passadas em vão				

REFRÃO



Construção da Fonte da Picota.
Inícios do séc. XX.

Vamos seguindo além

The image shows a musical score for the song 'Vamos seguindo além'. It consists of five staves of music. The first staff is labeled 'Introdução' and the second staff is labeled 'Voz'. The music is written in a 2/4 time signature and features a mix of eighth and quarter notes.

Pauta elaborada por João Simões

- | | | |
|---------------------------------|-------|--------------------|
| [1] Vamos seguindo além | } BIS | } Coro |
| Caminho da nossa aldeia | | |
| Mostrando as nossas rendas | } BIS | } Vozes femininas |
| E a nossa fina meia | | |
| [2] Mostrando os nossos calções | } BIS | } Vozes masculinas |
| O nosso pé delicado | | |
| Esse corpinho bem feito | } BIS | } Coro |
| Já cá era desejado | | |
| [3] Vamos brincar no serão | } BIS | } Coro |
| À fraca luz da candeia | | |
| Mostrando as nossas rendas | } BIS | } Vozes femininas |
| E a nossa fina meia | | |
| [4] Mostrando os nossos calções | } BIS | } Vozes masculinas |
| O nosso pé delicado | | |
| Em mim só sinto tristeza | } BIS | } Coro |
| Por tanto te ter amado | | |
| [5] Vamos bailar no terreiro | } BIS | } Coro |
| Meu amor depois da ceia | | |
| Mostrando as nossas rendas | } BIS | } Vozes femininas |
| E a nossa fina meia | | |

[6] Mostrando os nossos calções	}	BIS	}	Vozes masculinas
O nosso pé delicado				
Meu amor eu tenho pena	}	BIS	}	Coro
De em tempos te ter deixado				

[7] Toca a rir, toca a folgar	}	BIS	}	Coro
Não estamos em terra alheia				
Mostrando as nossas rendas	}	BIS	}	Vozes femininas
E a nossa fina meia				

[8] Mostrando os nossos calções	}	BIS	}	Vozes masculinas
O nosso pé delicado				
Eu hei-de pagar-te amor	}	BIS	}	Coro
O que por mim tens chorado				



Solar dos Coutinhos.
1948.

A rola



Pauta elaborada por José Santana

A rola se vai queixando	}	BIS	} Vozes masculinas
Que lhe roubaram o ninho			
Não o fizeras tu rola	}	BIS	
Tanto à beira do caminho			

REFRÃO

A rolinha sim, sim	}	BIS	} Vozes femininas
Caiu no laço meu bem			
Dá-me um beijinho	}	BIS	} Vozes masculinas
Não, não dou			
Dá-me um abraço meu bem			} Vozes femininas

A rola se vai queixando	}	BIS	} Vozes masculinas
Que lhe roubaram os ovos			
Não os puseras tu rola	}	BIS	
Tanto à vista dos olhos			

REFRÃO

A rola se vai queixando	}	BIS	} Vozes masculinas
Que o seu amor a deixou			
Não te rales tu rolinha	}	BIS	
Água o deu, água o levou			

REFRÃO

INSTRUMENTAL



Largo do Pelourinho.
Primeira metade do séc. XX.

Quatro rapazes da aldeia

The image shows a musical score for the song 'Quatro rapazes da aldeia'. It consists of five staves of music. The first staff is labeled 'Introdução' and the second staff is labeled 'Voz'. The music is written in a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is simple and rhythmic, with a mix of eighth and quarter notes.

Pauta elaborada por João Simões

Quatro rapazes da aldeia	}	BIS	}	Voz feminina
Foram à noite ao café	}	BIS		
Por causa das raparigas	}	BIS		
Foi que armaram o banzé	}	BIS		
Foi que armaram o banzé	}	BIS		
Foram dar vivas ao povo	}	BIS		
Alegrai-vos raparigas	}	BIS		
Lá vem o comboio novo	}	BIS		
Lá vem o comboio novo	}	BIS		
Todo cheio de bandeira	}	BIS		
Batei palmas e palminhas	}	BIS	}	Coro
Às raparigas solteiras	}	BIS		
Às raparigas solteiras	}	BIS		
Também aos homens casados	}	BIS		
Batei palmas e palminhas	}	BIS	}	Coro
Também aos seus namorados	}	BIS		



Antiga casa da Câmara sita no Largo do Pelourinho.
Meados do séc. XX.



Largo de Santo António.
Meados do séc. XX.

Eu por ti suspiro



Pauta elaborada por José Santana

Rua abaixo, rua acima
Toda a gente me quer bem
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem

} Vozes femininas

REFRÃO

Eu por ti suspiro
Eu por ti dou ais
Eu por ti amor
É cada vez mais

} BIS

} Coro

Eu a amar-te, eu a querer-te
E tu a fugires de mim
É certo que me não amas
Como eu te amo a ti

} Vozes femininas

REFRÃO

Ó meu amor de tão longe
Perde um dia, vem-me ver
As cartas não valem nada
Para mim que não sei ler

} Vozes femininas

REFRÃO

Se tu és o meu amor
Dá-me cá os braços teus
Se não és o meu amor
Vai-te embora adeus adeus

} Vozes femininas

INSTRUMENTAL

REFRÃO



Crianças leomilenses, familiares do autor.
Anos 30 do séc. XX.



Família leomilense, familiares do autor.
Anos 30 do séc. XX.

3.2 – MODINHAS QUE NÃO SE SABE HOJE COMO SE DANÇAVAM

Margarida Moleira



Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

Ó Margarida moleira } BIS
Dá-me da tua farinha }
Ai, ai, ai, que a quero peneirar } BIS
Pela nova peneirinha }

Ó Margarida moleira } BIS
Qu' é da outra Margarida }
Ai, ai, ai, a outra ficou em casa } BIS
Com a espinhela caída }

Ó Margarida moleira } BIS
Qu' é da outra Margarida }
Ai, ai, ai, a outra ficou em casa } BIS
A chorar de arrependida }

Ó Margarida Moleira } BIS
Qu' é da outra Margarida }
Ai, ai, ai, a outra ficou em casa } BIS
A cuidar da sua vida }



Leomil, estrada nacional e casario que a bordejava no enfiamento do solar dos Viscondes de Balsemão.
Possivelmente primeira metade do séc. XX.

Coradinha

The musical score for 'Coradinha' consists of seven staves. The first staff is marked 'Introdução' and the last staff is marked 'Voz'. The score includes various musical notations such as notes, rests, and a 'RÁPIDO' marking. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 2/4.

Pauta elaborada por João Simões

Coradinha, olé, olé	}	BIS	} Voz feminina
Coradinha olé limão			
Dá-me cá esses teus braços	}	BIS	
Amor o meu coração			

REFRÃO

Fala-me rosa	}	BIS	} Coro
A mim sozinha			
Verás como ficas			
Coradinha			

Coradinha ó linda flor	}	BIS	} Voz feminina
Aonde vais tão apressada			
Deixa-me brincar contigo	}	BIS	
Em dia de desfolhada			

REFRÃO

Em dia de desfolhada	}	BIS	} Coro
No dia da comunhão			
Vamos ambos à igreja			
Rezar uma oração			

REFRÃO

} Coro



Largo do Pelourinho.
1982.

Arrebenta aqui nossa amizade



Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

Se eu soubesse o Padre-nosso
Ó ai como sei, cantar cantigas
Andava sempre a rezar
Ó ai por alma, das raparigas

Arrebenta aqui nossa amizade
Nossa alegria no céu se finda
Vem a meus braços rosa é bela
Vem à janela que a noite é bela

Arrebenta aqui nossa amizade
Nossa alegria não tem rival
Vem a meus braços rosa é bela
Como este amor não há igual

Arrebenta aqui nossa amizade
Com alegria botai cantigas
Vem a meus braços rosa é bela
Todos cantamos modas antigas

Arrebenta aqui nossa amizade
Nossa alegria não terá fim
Vem a meus braços rosa é bela
És o encanto do meu jardim



Largo do Pelourinho.
Meados do séc. XX.

O folho do meu avental

The image shows a musical score for the song 'O folho do meu avental'. It consists of eight staves of music. The first staff is labeled 'Introdução' and the last staff is labeled 'Voz'. The music is written in a single system with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is simple and folk-like, with a mix of eighth and quarter notes.

Pauta elaborada por João Simões

O folho do meu avental
 Tem dois corações no meio
 Quando passo por certos moços
 Então é que me eu manei

} BIS
 } BIS
 } Voz feminina

REFRÃO

Então é que me manei
É que me manei, é que me manei
Nos braços do meu amor
Eu vivo sem ter receio

} BIS
 } BIS
 } Vozes femininas

Ao passar por meu rapaz
 Vou-lhe à fala sem receio
 Quando ele me fica a olhar
 Então é que me eu manei

} BIS
 } BIS
 } Voz feminina

REFRÃO

É p'ra mim grande prazer
 Roubar o amor alheio
 Quanto mais falam de mim
 Então é que me eu manei

} BIS
 } BIS
 } Voz feminina

REFRÃO



Largo de Santo António.
Meados do séc. XX.

Atirei com o papelinho ao ar

The image shows a musical score for the song 'Atirei com o papelinho ao ar'. It consists of five staves of music. The first staff is labeled 'Introdução' and the last staff is labeled 'Fim'. The music is written in a 2/4 time signature and features a melody with eighth and sixteenth notes, and a bass line with eighth notes. The score is arranged in a standard musical notation format with a treble clef and a key signature of one flat.

Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

Atirei com o papelinho ao ar
Atirei com o papelinho ao vento
Diacho do papelinho
Caiu-me no pensamento

Caiu-me no pensamento
Caiu-me no meu pensar
Atirei com o papelinho ao vento
Atirei com o papelinho ao ar

Atirei com o papelinho ao ar
Atirei com o papelinho ao céu
Diacho do papelinho
Caiu-me no meu chapéu

Caiu-me no meu chapéu
Caiu-me no colarinho
Atirei com o papelinho ao ar
Diacho do papelinho

Atirei com o papelinho ao ar
Voou mas não caiu no chão
Diacho do papelinho
Caiu no teu coração



Torre da Igreja Matriz de Leomil.
Anos 80 do séc. XX.

O sabugueiro



Pauta elaborada por João Simões

O sabugueiro é louco	}	BIS	} Coro
A baga que dá é preta			
Somos todos de Leomil	}	BIS	
Connosco ninguém se meta			

O sabugueiro é louco	}	BIS	} Coro
Bendigo esta doidice			
Debaixo dele passei	}	BIS	
Meus anos de meninice			

O sabugueiro é louco	}	BIS	} Coro
Só por ti eu enlouqueço			
Eu sempre te pretendi	}	BIS	
Eras menino de berço			

O sabugueiro é louco	}	BIS	} Coro
Quando nele bate o vento			
É por ti que eu espero	}	BIS	
Trago-te no meu pensamento			

O sabugueiro é louco	}	BIS	} Vozes femininas
És Manel minha alegria			
Vives no meu pensamento	}	BIS	
Toda a noite e todo o dia			



Fonte da Carvalha, em tempos conhecida como Fonte dos Amores.
Meados do séc. XX.

Aqui, aqui, aqui



Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

Aqui, aqui, aqui } BIS
Aqui é que eu hei-de estar } BIS
Aqui neste recantinho } BIS
Toda a noite a namorar }

Toda a noite a namorar } BIS
Toda a noite a dar paleio } BIS
É um regalo na vida } BIS
Ir com o amor ao passeio }

Ir com o amor ao passeio } BIS
Ir com ele passear } BIS
Muito bem agarradinhos } BIS
Para a gente se beijar }

Para a gente se beijar } BIS
Não é pecado nenhum } BIS
Não vale a pena contar } BIS
Quatro cinco e mais um }



Colocação de um cruzeiro luminoso na Igreja Matriz de Leomil.
Anos 60 do séc. XX.

Minha Terra é Leomil



Pauta elaborada por José Santana

[cantada em coro]

Minha terra é Leomil } BIS
E ao fundo tem a ribeira }

Queria colher uma rosa } BIS
Sem por a mão na roseira }

Sem por a mão na roseira } BIS
Sem por a mão na flor }

Queria colher uma rosa } BIS
Para dar ao meu amor }

Para dar ao meu amor } BIS
Para dar à minha amada }

Queria colher uma rosa } BIS
Sem por a mão na ramada }

Sem por a mão na ramada } BIS
Sem por a mão na videira }

Queria colher uma rosa } BIS
Que durasse a vida inteira }



Largo Dr. António Maria Augusto Pereira de Sêves de Oliveira.
Finais do séc. XIX.

3.3 – MODINHAS DANÇADAS POSTERIORES À ÉPOCA PELO RANCHO REPRESENTADA

Pé com pé



Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

Eu hei-de ir, eu hei-de vir	}	BIS
Fala te não hei-de dar		
Hei-de te deixar moer	}	BIS
Como as areias do mar		

REFRÃO

Pé com pé é uma rosa	}	BIS
Pé com pé é uma flor		
Pé com pé é um raminho	}	BIS
Para dar ao meu amor		

Andam quatro raparigas	}	BIS
Para me roubar meu rapaz		
Hei-de dar a melhor prenda	}	BIS
Aquela que for capaz		

REFRÃO

Aquela que for capaz	}	BIS
Aquela que capaz for		
Hei-de dar a melhor prenda	}	BIS
À que roubar meu amor		

REFRÃO

À que roubar meu amor } BIS
Ele é meu encantamento }
Hei-de dar-lhe a melhor prenda } BIS
No dia do casamento }

REFRÃO



Adro da Igreja Matriz.
1927.

Não quero sapato alto



Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

Não quero sapato alto } BIS
Que se enterra na areia }
Não quero amor da cidade } BIS
Que já o tenho na aldeia }

Que já o tenho na aldeia } BIS
Vamos os dois passear }
A água do rio molha } BIS
A mim não me há-de molhar }

A mim não me há-de molhar } BIS
A mim não me molha não }
A água do rio molha } BIS
A raiz ao coração }

A raiz ao coração } BIS
A raiz ao pensamento }
Não há letreiro que diga } BIS
Onde eu tenho o meu encanto }

Chove, chove miudinho } BIS
Não sei d'onde a água vem }
Vem do chafariz da praça } BIS
A água fresquinha vem }



Largo Dr. António Maria Augusto Pereira de Sêves de Oliveira.
1968.

Ó que lindo par eu levo

The image shows a musical score for the song 'Ó que lindo par eu levo'. It consists of five staves. The first staff is labeled 'Introdução' and the second staff is labeled 'Voz'. The music is written in a 2/4 time signature and features a melody with various note values and rests. The score ends with a double bar line and repeat signs.

Pauta elaborada por João Simões

Ó que lindo par eu levo	}	BIS	}	Vozes masculinas		
Aqui à minha direita						
Ó que linda rosa branca	}	BIS				
Que tão lindo cheiro deita						
Vou ao lado do amor	}	BIS			}	Vozes femininas
Brincas tu e brinco eu						
Vem amor para meus braços	}	BIS				
E ninguém te quer mais do que eu						
Meu amor eu vou partir	}	BIS	}	Vozes masculinas		
Vou pelas águas do mar						
Levo-te no coração	}	BIS				
Não te deixarei de amar						
Meu amor quando te fores	}	BIS			}	Vozes femininas
Leva-me na tua ida						
Eu sou como a rosa branca	}	BIS				
Onde queiras vou metida						
Rosa branca sem espinhos	}	BIS	}	Vozes masculinas		
És toda a minha afeição						
O dizer teu lindo nome	}	BIS				
É para mim uma oração						

Ó meu amor, meu amor } BIS
Que triste me vais deixar }
Não secarei os meus olhos } BIS
Que só por ti vão chorar }
INSTRUMENTAL } 2x

} Vozes femininas



Igreja Matriz de Leomil.
Anos 40 do séc. XX.

3.4 - MODINHAS NÃO DANÇADAS POSTERIORES À ÉPOCA PELO RANCHO REPRESENTADA

És Leomil ó Minha Terra

The image shows a musical score for the song 'És Leomil ó Minha Terra'. It consists of ten staves of music. The first staff is the vocal line, and the subsequent staves are for guitar accompaniment. The score includes various musical notations such as notes, rests, and chords. Chord symbols like Em, D7, Bm, and Am are placed above the staves. The key signature has one sharp (F#), and the time signature is 2/4. The score is enclosed in a vertical rectangular frame.

Pauta elaborada por João Simões

[cantada em coro]

REFRÃO

És Leomil ó linda terra
 És a minha terra natal
 És tão linda para mim
 Como não há outra igual

} BIS

Na faldá da serra te estendes
 Com teus encantos sem fim
 És Leomil ó terra amada
 Lindo e amplo jardim

} BIS

REFRÃO } BIS

Por toda a tua beleza
Não tens par, não tens rival
Por isso te colocaram
Ao centro de Portugal

} BIS

REFRÃO

} BIS

Leomilenses tende orgulho
Por esta terra ser vossa
Olhai que nenhuma outra
É tão linda como a nossa

} BIS

REFRÃO



Inauguração da electrificação em Leomil, no tempo de Julião Maria Fernandes, presidente da Junta de Freguesia de Leomil. Anos 60 do séc. XX.

3.5 – OUTRAS MODINHAS

Aqui Vimos⁴⁴

[cantada em coro]

Aind' 'ágora aqui cheguei } BIS
Pus o pé nesta escada }

Logo o meu coração disse } BIS
Que aqui mora gente honrada }

Quem diremos nós que viva } BIS
Na folhinha do codeço }

Vivam os senhores da casa } BIS
Que eu por nome não conheço }

Quem diremos nós que viva } BIS
Na casquinha do confeito }

Viva o senhor da casa } BIS
Qu' é um senhor de respeito }

Viva lá o Senhor... } BIS
De quem nós muito gostamos }

E muitas felicidades } BIS
É o que nós lhe desejamos }

Quem diremos nós que viva } BIS
No grãozinho do arroz }

Viva a gente desta casa } BIS
Por muitos anos e bõs }

Quem diremos nós que viva } BIS
No ramo_ da salsa crua }

Debaixo da vossa cama } BIS
Põe-se o sol e nasce a lua }

Quem diremos nós que viva } BIS
Na folha do laranjal }

Viva 1 vivão 2 } BIS
Vivam todos em geral }

⁴⁴ Algumas quadras entoadas no cantar das Janeiras. Existem outras, porém, de proveniência temporal não confirmada.



Apanha de batatas de semente na Serra de Leomil.
Meados do séc. XX.

Janeiras

[cantada em coro]

Nós vimos aqui cantar
Cantares de pouca fama
Viva o Menino Jesus
E a sua Avó Santa Ana

} BIS

REFRÃO

Ó meu Menino Jesus
Cheio de Graça e de Luz
Ó meu Menino Jesus
Cheio de Graça e de Luz

} BIS

Vimos cantar as Janeiras
Por hoje ser o seu dia
Vivam todos em geral
É essa a nossa alegria

} BIS

REFRÃO

Vimos dar as Boas Festas
Com prazer e alegria
Já nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria

} BIS

REFRÃO

Estas casas são bem altas
Ferradinhas de Cortiça
Senhores que estão lá dentro
Deitem cá uma chouriça

} BIS

REFRÃO



Rua do Cancelo.
1960.



Rua do Linhar.
1968.

Tirana⁴⁵

REFRÃO

À volta, tirana, à volta
À volta que eu já lá vou
Dar vida a que me deu vida, tirana
Matar a quem me matou

} BIS
} BIS } Coro

O passarinho tem penas, olá!
Que muda de vez enquanto
Minha vida és tu
Que sempre te hei-de amar, amar, olá!

} BIS

E como elas lhe pesam, olá!
A vida passa cantando
Minha vida és tu
Que sempre te hei-de amar, amar, olá!

} BIS

REFRÃO

Viver sem ti já não posso, olá!
Sem ti não posso viver
Minha vida és tu
Que sempre te hei-de amar, amar, olá!

} BIS

Viver em ti não é vida, olá!
Viver em ti é morrer
Minha vida és tu
Que sempre te hei-de amar, amar, olá!

} BIS

⁴⁵ Cantiga encontrada numa folha manuscrita, anónima, entre as centenas de documentos da Casa dos Coutinhos, com a data de 2 de Julho de 1937. É provável que tenha sido composta por Maria Alice, professora que dava aulas particulares de música na casa. Existem alguns grupos de Folclore, nomeadamente minhotos, que têm uma moda parecida, porém, com diferenças de localidade para localidade e consubstancialmente diferentes da tirana aqui apresentada



Rua frontal à Igreja Matriz.
1982.

Fontes Manuscritas

Arquivo da Câmara Municipal de Moimenta da Beira

Auto de Arrematação das lameiras da vila e concelho de Leomil, 1792-1802.

Livro de Actas da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, Junho de 1836 – Maio de 1939.

Livro de Actas da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 14 de Janeiro de 1877-26 de Maio de 1880.

Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 1906-1914.

Livro de Actas da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 23 de Janeiro de 1919 - 6 de Outubro de 1922.

Arquivo da Casa do Povo de Leomil

Livro de Actas, 1963-1974.

Livro de Actas, 1967-1998.

Livro de Actas, 1974-1991.

Livro de Actas, 1975.

Arquivo Particular

Livro para nellle se lançarem as actas das sessões da Junta de Parochia da freguesia de Leomil, 1867-1890.

Jornal *Correio Beirão* (Moimenta da Beira), ano VI, n.º182, 22 de Agosto de 1963.

Jornal *Correio Beirão* (Moimenta da Beira), ano VIII, n.º205, 8 de Agosto de 1964.

Jornal *Correio Beirão* (Moimenta da Beira), ano XIII, n.º296, 8 de Junho de 1968.

Arquivo Diocesano de Lamego

Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil, caixa 6, n.º 32, livro n.º 1, 1604

Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil, caixa 6, n.º 32, livro n.º 4, 1862

Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil, caixa 6, n.º 32, livro 13, 1871

Livros de Óbitos da Paroquia de Leomil, caixa 6, n.º 32, livro n.º30, 1888

Livro de visitasões da igreja de Leomil, 1637-1701, fl.2; 34-35

Arquivo Distrital de Viseu

PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0001/00649, cx.3399 n.º597/2 f.89v-90

PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0001/00650, cx.3399 n.º597/2 f.89v-90

PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/00579, cx.3399 n.º598/3 f.89v-90

PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/00582, cx.3399 n.º598/3 f.90v-91

PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/00599, cx.3399 n.º598/3 f.93v-94

PT/ADVIS/AC/GOVCIV/H-D/016/0002/01019, cx.3399 n.º598/3 f.167v-168

Registos Paroquiais, Leomil, cx.10, n.º1.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Jornal *A Folha do Norte* (Moimenta da Beira), ano I, n.º1 (23 de Fevereiro de 1911) – a n.º15 (1 de Junho de 1911).

Direcção Geral de Arquivos Torre do Tombo

Dicionário Geográfico, vol.20, Memória 79, Leomil

Tombo das herdades que tem a igreja de Sam Tiago da villa de Luimil, 23 de Agosto de 1499, Gaveta 9, maço7, doc.16 (cópia do documento realizada em 25 de Fevereiro de 1773).

Fontes Impressas

COSTA, José Carvalho da – *Corografia Portuguesa e descrição topográfica do famoso Reyno de Portugal*. Vol. 11, Lisboa, 1707.

Jornal *Correio Beirão* (Moimenta da Beira), ano XIII, n.º296, 8 de Junho de 1968.

Bibliografia

- ALMEIDA, Miguel – *Coisas da nossa Terra. Usos e costumes rurais na volta do ano*. Viseu: GICAV, 2013.
- AUGUSTA, Anna – *Cantigas de Reis e outros Cantares*. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro, 1979.
- AZEVEDO, Correia de – *Distrito de Viseu (sedes de concelho)*. Viseu: [s. n.], 1958.
- BRAGA, Teófilo – *Cancioneiro Popular Portuguez*. Lisboa: J. A. Rodrigues e C.^a, vol.II, 2.^a ed., 1913.
- BRASÃO, José Ruivinho; CONCEIÇÃO, Nélson; MONTEIRO, Ayala – *Cancioneiro tradicional português: recolha de cantigas e romances*. Porto: Casa das Letras, 2008.
- CARDOSO, Altino Moreira – *Grande Cancioneiro do Alto Douro*. Mem Martins: Clío Artes Gráficas, 2 vols., 2006.
- CARDOSO, Altino Moreira – *Poesia tradicional duriense com D. Sancho I o primeiro trovador*. Mem Martins: [s. ed.], 2012.
- CORTESÃO, Jaime – *O que o povo canta em Portugal*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- DIAS, Jaime Lopes – *Etnografia da Beira*. Famalicão: Tipografia Minerva, 3 vols., 1926-1929.
- DIAS, M. Simões - *Aspectos da canção popular portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1952.
- GALHARDO, Jacira – *Ditos e Rezas Populares*. [s. l.]: Edições 100 Título, 2013.
- GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Avatares da Memória. História, Paisagem e Património do concelho de Moimenta da Beira*. Lisboa: Pangeia Editora, 2013.
- GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Marte e Minerva nas Terras do Demo. Do liberalismo contrito ao republicanismo convicto*. Moimenta da Beira: Edições Esgotadas, 2011.
- GOUVEIA, Jaime Ricardo – *Subsídios para a História de Leomil. “A-presentação” e “Re-presentação”*. Leomil: Câmara Municipal e Casa do Povo, 2004.
- GOUVEIA, Jaime Ricardo - “Aproximação ao universo dos letrados na paróquia da vila de Leomil através dos registos de três confrarias. A arte de escrever e assinar em fé e testemunho de verdade (séculos XVIII e XIX)”. *Revista Beira Alta*, vol. LXII, fasc. 3 e 4, 3.^o e 4.^o trimestres, p.373-446.
- GUIA, A. Bento da – *As vinte freguesias de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira: Câmara Municipal, 2001, 3.^a ed.
- GUIA, A. Bento da - *Os oito concelhos de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira: Câmara Municipal, 2001, 3.^a ed.
- JÚNIOR, J. A. Pombinho – *Orações populares recolhidas em Portel*. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Portel, 2001.

- LOPES, Edmundo Arménio Correia – *Cancioneirinho de Fozcoa: contribuição para a história e crítica da música do povo português*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.
- MORAIS, J. Ribeiro de (org.) - *Cancioneiro da Ovelha do Marão*. Porto: Almeida e Leitão Lda., 1998.
- MOUTINHO, José Viale – *Terra e canto de todos: vida e trabalho no cancioneiro popular português*. Vila Nova de Gaia: 7 dias 6 noites, 2008.
- OLIVEIRA, José Fernando Monteiro de – *Cancioneiro regional de Lafões*. S. Pedro do Sul: Alafum – Grupo de Cantares de Lafões, 2000.
- PEREIRA, Vergílio; BONITO, Rebelo – *Cancioneiro de Resende*. Porto: Edição da Junta de Província do Douro Litoral, 1957.
- PIRES, A. Tomás – *Cantos Populares Portuguezes*. Elvas: Typographia Progresso, vol.I, 1902.
- SÈVES, António de – *Leomil*. Lisboa: Lusitania Editora, Limitada, 1921.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Tradições Populares de Portugal*. Porto: Clavel e C.^a, 1882.
- VAZ, Rodrigues (coord.) - *Os Galegos nas Letras Portuguesas*. Lisboa: Pangeia Editores, 2008.

Sumário

Prefácio

Proémio

Intróito

Agradecimentos

1 – Breve Historial do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil

2 - Caracterização etnográfica da região

2.1 Contexto Geográfico

2.2 - Contexto socioeconómico

2.3 - Contexto religioso

2.4 - Contexto Histórico (Leomil e as anexas)

2.5 – Eventos históricos relevantes

2.6 - Limites temporais da representação

2.7 - Principais influências externas

3 – A canção popular em Leomil (música, canto e dança): acervo ou repertório

3.1 – Modinhas dançadas

3.2 – Modinhas que não se sabe hoje como se dançavam

3.3 – Modinhas dançadas posteriores à época pelo Rancho representada

3.4 - Modinhas não dançadas posteriores à época pelo Rancho representada

Fontes manuscritas

Fontes impressas

Bibliografia

